Boletim da Sociedade

Nº 61

Órgão Informativo da

Sociedade Numismática Brasileira

1º Semestre - 2008

Sociedade Numismática Brasileira

Fundada em 1924

Cláudio Marcos Angelini
Presidente
Walter de Arruda Menezes
Vice-Presidente
José Alberto Borges da Cruz
Diretor Financeiro
Hilton Aparecido Magri Lúcio
Diretor Administrativo
José Serrano Neto
Diretor Técnico
Alfredo O. Gustavo Gallas
Diretor de Divulgação
Gilberto Fernando Tenor
Diretor Curador

Edição: Gilberto Fernando Tenor
Editoração eletrônica e impressão: New Impress Gráfica e Editora
Tiragem: 1.000 exemplares.
Responsável: Pedro Zan - Reg. MTB nº 10.891
Colaboradores: Marco Túlio Freire Baptista, Maricí Martins Magalhães, Claudio Umpiere Carlan, Claudio Schroeder, Vagner Carvalheiro Porto, Fernanda Disperati Gallas e Cláudio Amato.
Capas e página de apresentação: Homenagem da Sociedade Numismática Brasileira aos 200 anos da chegada da Família Real Portuguesa.

- O teor das matérias publicadas neste boletim é de inteira responsabilidade de seus autores;
- As matérias enviadas para publicação neste órgão deverão ser de caráter numismático e encaminhadas em arquivo **.doc** (*Word for* Windows), sem formatação, com imagens em cópia fotográfica ou arquivo digital em alta definição;
- Para reprodução dos artigos publicados é necessária a autorização do autor e citação da fonte.

Palavras do Presidente

Prezados Numismatas

É com grande satisfação que levamos até você o Boletim nº 61 com artigos bastante consistentes que acreditamos irão fornecer subsídios para estudos e pesquisas em todas as áreas da numismática.

Definitivamente o ano de 2008 vem se tornando um marco no desenvolvimento da numismática no Brasil. Com muito orgulho, iniciamos nossas atividades com um grande evento em março, com recorde de público e negócios realizados.

A Sociedade Numismática Brasileira consolida suas atividades na área sócio-culturais, promovendo palestras, apoiando eventos de responsabilidade social, como o Projeto Pequeno Príncipe, na promoção das medalhas do Rei Pelé "Gols pela Vida" e ainda, no lançamento de medalhas comemorativas aos 200 anos da chegada da Família Real portuguesa ao Brasil com a presença dos representantes da Casa de Orleans e Bragança.

Sempre comprometidos com o futuro da SNB, esta Diretoria não mede esforços em ampliar o número de associados e proporcionar ao mercado, oportunidades reais de bons negócios.

Lembramos que o site *www.snb.org.br* sempre com muitas novidades, é atualizado periodicamente e está aberto para divulgação de temas de interesse dos associados.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Cordialmente

Cláudio Marcos Angelini

Presidente

Sumário

Palavras do Presidente	***3***
Ecos do V Congresso Latino-Americano de Numismática	***5***
VI Congresso Latino-Americano de Numismática	***9***
A Família Real Portuguesa e os 960 réis	***11***
Moedas, Medalhas e a Família Real Portuguesa no Brasil	***14***
Bicentenário da Chegada da Família Real - SNB lança Medalha Comemorativa	***17***
Visita dos Príncipes Imperiais e Reais	***19***
As Moedas de Hyele-Elea-Velia	***27***
Coleção da Biblioteca Dr. Milton Soldani Afonso	***52***
Arqueologia Clássica e Numismática	***67***
Moeda Comemorativa dos 200 anos da Chegada da Família Real	***76***
Brasil e Japão cunham moeda pelo Centenário da Imigração Japonesa	***77***
Imbóglio faz Japão mudar moeda do Centenário	***78***
Gols pela Vida	***80***
As Moedas Contam a História do Brasil	***82***
Aventura do Dinheiro	***83***
Alterações na Diretoria da SNB	***84***
Arnaldo Russo	***86***
Notas Informativas	***89***
Loja da SNB	***93***
Anunciantes	***94***

Ecos do V Congresso Latino-Americano de Numismática

No período de 29 de Novembro a 02 de Dezembro de 2007, São Paulo sediou a 5 ª edição do Congresso Latino-Americano de Numismática. Dessa vez, utilizando as instalações do **Grand Hotel Ca'd'Oro**, a Sociedade Numismática Brasileira apresentou uma vasta programação cultural e disponibilizou espaço para comerciantes nacionais e estrangeiros, onde os associados puderam adquirir moedas, cédulas e medalhas de altíssima qualidade.

Abertura Oficial do V Congresso Latino-Americano de Numismática. Da direita para a esquerda: Cláudio P. Amato – ex-presidente da SNB, Marco Antonio Vieira da Silva Diretor Regional dos Correios de São Paulo Metropolitana, Cláudio M. Angelini – Presidente da SNB e Walter de Arruda Menezes - Vice-Presidente da SNB, Coronel Amaro - Presidente da Associação Numismática de Portugal.

Na abertura do evento, o presidente Cláudio M. Angelini ressaltou a importância da continuidade desses encontros e procedeu o lançamento oficial da medalha comemorativa alusiva ao Congresso, que nessa edição ilustrou o carimbo de Cuyabá aplicado sobre uma moeda argentina de 8 reales da Província Del Rio de La Plata.

As medalhas foram cunhadas nas seguintes quantidades:

Ouro: apenas 02 exemplares;

Prata: 40 exemplares;

Bronze: 40 exemplares e

Cobre: 40 exemplares

Na seqüência, o Presidente Angelini homenageou a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos entregando uma Barra de Prata alusiva Jubileu de Diamante da Revolução Constitucionalista de São Paulo de 1932, ao Sr. Marcos Antonio Vieira da Silva, Diretor Regional de São Paulo/Metropolitana.

Em seguida, o Presidente Cláudio M. Angelini apresentou o associado homenageado – o grande colecionador Abrahão Zarzur, associado desde 1975 que muito colaborou com a Sociedade Numismática Brasileira. De forma muito simpática, o companheiro Zarzur muito emocionado agradeceu a singela homenagem.

Na seqüência, iniciaram-se as atividades, com a abertura oficial da sala de comercialização, das exposições temáticas e das palestras conforme quadro abaixo:

PALESTRAS	
Palestrantes	**Tema**
Cláudio Schroeder	200 anos da Chegada da Família Imperial ao Brasil
Vagner Carvalheiro Porto	A Utilização Pedagógica dos Acervos Numismáticos
Paulo Sergio Mendes	Primeiros Passos na Numismática Indiana Antiga e Medieva l
Alfredo Gallas & Fernanda Disperatti Gallas	A Casa da Moeda de São Paulo
Coronel Amaro Garcia - Portugal	O Sal como meio de pagamento
Claudio Umpierre Carlan & Pedro Paulo Funari	Arqueologia Clássica e Numismática
Maria Beatriz B. Florenzano (USP- SP)	Imagens monetárias no tempo de Alexandre o Grande
Marici Magalhães (FAPERJ)	As moedas de Velia-Elea na coleção do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro

EXPOSIÇÕES TEMÁTICAS	
Responsáveis	**Tema**
Claudio M. Angelini	Numismática Romana “Os Doze Cesares”
Hilton Lucio	A representação de Atena nas moedas gregas
Responsável: José Serrano Neto	As moedas da Transilvania
Paulo Sergio Mendes	Primeiros Passos na Numismática Indiana Antiga e Medieval
Cristiano Bierrembach	Condecorações Militares da República do Brasil

Durante o encontro, foram registradas mais de 500 pessoas entre associados e visitantes que participaram efetivamente das oficinas, exposições, sala de comercialização e da venda sob oferta.

Encontro dos Presidentes das entidades numismáticas

Encontro de presidentes

VI Congresso Latino-Americano de Numismática

Comunicamos a realização do VI Congresso Latino-Americano de Numismática no período de 04 a 07 de dezembro de 2008.

Como nos moldes das edições anteriores, está previsto espaço para comerciantes nacionais e estrangeiros, palestras e exposições; lançamento de medalha comemorativa, selo personalizado e venda sob oferta para associados.

Está confirmada a realização de 8 palestras com temas livres. A grade de palestras será definida pela Comissão Científica que julgará os trabalhos recebidos conforme as normas abaixo:

1 – Os resumos dos trabalhos a serem apresentados, no decorrer do VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE NUMISMÁTICA deverão ser encaminhados até *30 de setembro de 2008*, via e-mail: *snb@snb.org.br* ou correio (considerada a data de postagem) endereçando-os à: Comissão Cientifica do V CLAN - Sociedade Numismática Brasileira, Rua 24 de Maio, 247 2º andar – São Paulo,SP-CEP:01041-001

2 – Os resumos impressos em 3 (três) vias deverão ser redigidos em português ou em espanhol; deve-se encaminhar com o arrolamento de nome(s) do(s) autor(es) .

O texto deve estar disposto em quadrilátero de 15cm (largura) por 18cm (altura). Na primeira linha o título do trabalho deve ser todo em letras maiúsculas (fonte arial, tamanho 10) e em negrito, seguindo-se o nome dos autores, iniciando-se pelo sobrenome (por extenso), nome (abreviado) e instituição de origem (se for o caso). O responsável pela apresentação do trabalho deve ter seu nome sublinhado. O texto deverá contemplar em seu bojo brevíssima introdução, objetivos, metodologia, resultados e conclusões. Não citar ou destacar esses itens no texto. Podem ser incluídos tabelas, quadros, gráficos, imagens ou referências bibliográficas. Não serão aceitos resumos incompletos, com promessas de “ser concluído” ou aqueles com menção de “os resultados serão discutidos”. Os resumos não devem ter sido previamente publicados. Em caso de

envio via e-mail, deve-se enviar arquivo 1 (um) em WORD FOR WINDOWS 6.0 ou 7.0 por trabalho, contendo identificação do mesmo, em caso de correio deve-se enviar 1(um) disquete 3 ½ (1.44 Mb) por trabalho, contendo identificação do mesmo.

Obs.: Os trabalhos selecionados deverão ser apresentados sob forma de exposição oral, com duração de no máximo 40 (quarenta) minutos, havendo outros 10 (dez) para perguntas e respostas.

É imprescindível a apresentação de qualificação profissional (currículo) do autor ou coordenador do trabalho.

3 – Uma vez aprovado o trabalho pela Comissão Científica, o(s) autor(es) será(ão) comunicado(s) sobre: data, horário e sessão de apresentação do(s) trabalho(s) durante o VI Congresso Latino-Americano de Numismática promovido pela SNB.
4 – As decisões da Comissão Científica são irrecorríveis. Entende-se que o envio do resumo à Comissão Científica envolve a aceitação da presente normatização.
5 – Os casos omissos serão decididos pela Comissão Científica.

OBSERVAÇÕES:

Serão outorgados certificados constando *nome do trabalho* e *autoria ao autor-apresentador do trabalho*.
Todos os trabalhos serão analisados pela Comissão Científica que julgará por critérios pré-definidos a publicação ou não no Boletim da Sociedade Numismática Brasileira a ser publicado no ano de 2009.
A denegação do trabalho será embasada em manifestação de relatores, nomeados pela Comissão Científica de evento, cujos nomes serão mantidos sob absoluto sigilo até a implantação do evento.
Não serão a qualquer tempo propiciadas informações ou motivos que levaram à denegação.

A FamíliaReal Portuguesa e os 960 Reis

Marco Túlio Freire Baptista

Neste ano de 2008 será festejada e relembrada de diversas formas os 200 anos da vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil. Os benefícios advindos da transferência da Corte para nosso país (então colônia) são inegáveis e memoráveis. No entanto, vejamos também pelo prisma da numismática.

Com a proximidade da invasão de Portugal pelas tropas Napoleônicas, D. João, então Príncipe Regente, tomou uma atitude de extrema coragem para salvar o Reino (muito criticada por seus patrícios) e transferiu a Corte para sua principal colônia, o Brasil. Sua partida, às pressas, foi organizada o bastante para amontoar na sua frota cerca de 14.000 pessoas, entre nobres acostumados à vida abastada e serviçais.

Ao chegar ao Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, depois de uma breve estada nos redutos baianos (cerca de um mês), D. João se deparou com um problema muito sério: como manter toda aquela corte, longe das fabulosas arrecadações Portuguesas e, ainda, manter o padrão de vida abastado de tão grande nobreza? A solução veio muito rápida: Fazer dinheiro! Isso mesmo, fazer dinheiro. Ora, se o meio circulante da época era baseado no valor do metal ou de reservas em ouro, para fazer dinheiro precisava, sem dúvida, de um adicional de metal precioso para a cunhagem de moedas ou para estocagem como reserva do Reino. Mas este acréscimo de metal precioso não estava disponível; inclusive o período do auge da mineração já havia passado há tempos. Muito bem, a solução posta em prática, foi uma das primeiras medidas inflacionárias no nosso país. A prata espanhola circulava ilegalmente e com boa freqüência por aqui, na forma de moedas de 8 reales, cunhadas em diversas colônias espanholas e até na Metrópole. O que D. João fez, foi legalizar esta circulação, cobrando um ágio para tal. Assim, o Alvará de 01 de setembro de 1808 autorizava a contra-marca (ou carimbo) aplicada em moedas hispano-americanas de 8 reales para circularem livremente pela Província de Minas Gerais. A questão é que estas moedas eram negociadas a um valor de 750 réis aproximadamente e passaram a receber um carimbo com o novo valor

de 960 réis (não existente no sistema financeiro da época, limitado a 640 réis), embolsando, assim, a diferença para o sustento de sua Corte.

Esta contra-marca é conhecida vulgarmente como Carimbo de Minas, já que se destinava à circulação de moedas hispano-americanas exclusivamente na Província de Minas Gerais.

Muitos navios saíam do Rio de Janeiro com destinos às colônias espanholas, com as quais se mantinham boas relações, carregando ouro e retornavam repletos de moedas de 8 reales. Estas, compradas ao câmbio corrente eram remarcadas nas Casas da Moeda do Rio de Janeiro, Bahia e nas Casas de Fundição de Vila Rica, Sabará e Serro Frio. Esse procedimento aumentou o meio circulante, sendo de bom agrado para a população colonial. Da mesma forma, a Família Real não tinha do que se queixar! O sucesso dessa nova moeda foi tão grande que se instituiu o novo valor de 960 réis (ou 3 patacas) com o Alvará de 20 de novembro de 1809. Preparou-se, a partir daí, a recunhagem total das moedas hispano-americanos para circularem em todas as províncias da colônia. Surgiu, desta maneira, uma das moedas mais cobiçadas por colecionadores no Brasil e no Mundo: o Patacão.

Entre 1810 e 1821, quando D. João retornou a Portugal, foram cunhadas cerca de 20 milhões de moedas de 960 réis. Calculando-se um ganho de 150 réis por moeda, já descontados os gastos com a operação de compra (podendo o lucro ter sido maior), chega-se a cifras de 3.000.000.000 réis ou 3.000 contos de réis. Esta cifra corresponde a cerda de nove (9) toneladas de ouro, apenas para gastar com os requintes da Corte.

O processo de recunhagem era um tanto arcaico e, muitas vezes, acarretava na quebra do próprio cunho. Por isso, diversos cunhos de anverso e reverso podiam ser usados para a cunhagem de uma mesma data, o que deu origem a variantes de uma mesma moeda. De 1810 a 1834, foram cunhadas cerca de 18 milhões de moedas de 960 réis, distribuídas nas 21 datas (1828, 1829, 1830 e 1831 não foram cunhadas). Atualmente já foram catalogadas mais de 2.200 variantes.

Numismatas aficcionados em 960 réis, atualmente, procuram catalogar, além das variantes de cunho, também as moedas bases, pois provinham de diversas colônias espanholas. E, dentro de uma mesma colônia, podiam originar-se de Casas da Moeda diferentes. E, ainda, como eram aproveitadas todas as moedas que cumprissem os padrões de exigência das Casas da Moeda do Brasil, poderiam ser utilizadas moedas de várias épocas. Assim, utilizaram-se como moedas-bases as cunhagens dos reis espanhóis desde Felipe V até Fernando VII (cinco reis) e, ainda, algumas de repúblicas que se tornaram independentes no período, como Peru, México e Chile. Isto multiplica, mais ainda, o número de variantes.

Esta identificação é feita pelos vestígios visíveis na moeda, que o novo cunho não conseguiu apagar, demandando extremo conhecimento das moedas hispano-americanas e espanholas.

Resumindo, a vinda da Família Real para o Brasil além de ter valorizado a nossa história em muitos aspectos, também deu mais este requinte ao nosso meio circulante: os 960 réis, um presente inestimável para a Numismática Brasileira.

REFERÊNCIAS

PROBER, Kurt. Catálogo das moedas Brasileiras. 2ºEd. Gráfica Canton LTDA. São Paulo. 1966.

FERREIRA, Lupércio Gonçalves. Catálogo Descritivo dos Patacões da Casa da Moeda do Rio de Janeiro. Vol 1 e 2. Recife, 1978 e 1981.

Moedas, Medalhas e a Família Real Portuguesa no Brasil[1]

Claudio Schroeder

Resumo

Moedas, Medalhas e a Família Real Portuguesa no Brasil. Dentro do espirito de comemoração, a ser realizada no ano que vem, do bicentenário da chegada da Família Real Portuguesa no Brasil, evidencio a numismática. Destaco alguns feitos administrativos realizados pela Corte Portuguesa no Brasil que originaram numismas. Entre esses divulgo detalhes, até então poucos conhecidos, de algumas moedas e medalhas.

Palavras-chave

Numismática; Família Real Portuguesa; Moedas; Medalhas; Ordem Honorífica

No final do ano de 1807 ocorreu a transferência da Corte Portuguesa para a Colônia (Brasil). Com a invasão de Portugal por tropas francesas de Napoleão, as alternativas do Príncipe Regente D. João eram: a rendição ou a transferência para o Brasil. A viagem ocorreu com o apoio militar naval da Inglaterra. O bicentenário desse fato está sendo comemorado em grande estilo, em Portugal e no Brasil, com lançamentos de livros, com restaurações de prédios da época e com várias exposições. A presença da Corte Portuguesa modificou a Colônia (Brasil).

Medidas administrativas e econômicas para viabilizar a gestão do Reino de Portugal em terras além mar se fizeram necessárias de imediato beneficiando o Brasil nos seguintes aspectos que resumidamente descrevo: **Indústria.** Com a abertura dos Portos/ Alfândegas as Nações amigas, começaram a entrar no Brasil produtos de natureza industrial, até então, aqui desconhecidos. **Higiene e Saúde Pública.** Início da organização sanitária. **Imigração e Colonização.** Início da criação de núcleos coloniais. **Instrução.** Criação e organização de cursos de ensino da instrução primária à superior. Especialmente o ensino médico, militar, agrícola e mecânico. Criação da Biblioteca Real (atual Biblioteca Nacional), o Museu Real (atual Museu Nacional da Quinta da Boa Vista) e o Jardim Botânico. **Agricultura.** Utilização da mão de obra livre proveniente da imigração, novas mudas e novos processos de plantio

[1] Primeira parte da comunicação apresentada no V Congresso Latino-americano de Numismática, SNB, São Paulo 2007. As ilustrações e outros detalhes serão divulgados num próximo artigo.

e colheita. **Desenvolvimento das Artes.** Vinda da Missão Artística Francesa, com pintores, arquitetos e gravadores, que criaram a Real Academia de Belas-Artes. Entre esses artistas cito em especial o gravador de moedas/medalhas Zeferino Ferrez e o pintor Debret que elaborou o primeiro registro impresso sobre nossas moedas, medalhas e condecorações. **Administração, Justiça, Economia e Finanças.** Criação da Imprensa Régia; Início da circulação da Gazeta do Rio de Janeiro (atual Diário Oficial); Criação dos diversos órgãos indispensáveis à gestão dos negócios públicos. Criação do Banco do Brasil com a permissão de emitir moeda papel. Esse é o quarto banco emissor do mundo sendo os demais na ordem: Suécia, Inglaterra e França. Medidas para padronizar o valor da moeda.

Esses e outros aspectos da administração do Brasil dessa época são de conhecimento geral e estão registrados pela História. A Numismática, uma fonte auxiliar da História, confirma esses registros e acrescenta outras informações sobre esses fatos. *Na impossibilidade de financiar, através da cobrança de tributos, os gastos públicos da Corte alterados pela transferência e as transformações aqui ocorridas D. João, determinou o levantamento do valor de face da moeda e a emissão de moeda papel. Solução baseada em ações semelhantes já ocorridas em outros países.*

Assim destaco cronologicamente o que segue:

29.11.1807	Parte de Portugal;
22.01.1808	Chega à Bahia;
07.03.1808	Chega ao Rio de Janeiro;
00.03.1808	Instala-se no Prédio do Palácio dos Vice-Reis/ Casa da Moeda;
01.05.1808	Declara guerra ao Imperador dos franceses. Ordena ataque a Guiana Francesa/Caiena;
13.05.1808	Cria a Ordem da Torre e Espada;
00.07.1808	Início do processo de aquisição de uma Casa da Moeda completa na Inglaterra;
01.09.1808	Cria o “Carimbo de Minas”;
	Moeda de prata da região de Minas, novo valor moeda de 8 reales passa a valer 960 réis;
00.00.1808	“Bilhetes dos Direitos das Alfândegas”;
12.10.1808	Cria o Banco do Brasil;
	Em 1810 emitiu bilhetes com valores diversos que circularam como moeda;
	Dessa primeira emissão são registrados cinco tipos diferentes;

01.12.1808 Início da circulação do “Carimbo de Minas”;
15.12.1808 Início da expedição militar a Guiana Francesa - militares portugueses e ingleses;
14.01.1809 Fim da expedição militar a Guiana Francesa com a tomada de Caiena;
18.04.1809 Cria o “Carimbo de Escudete”;
Nas moedas de prata e de cobre, novo valor moeda de XL réis passa a valer LXXX;
16.08.1809 Cria a medalha comemorativa da tomada de CAYENNA;
00.10.1809 Assinatura do contrato da aquisição da Casa da Moeda completa na Inglaterra;
20.11.1809 Cria novo valor monetário: a moeda de prata 960 réis;
00.00.1811 Cria novo valor monetário: a moeda de cobre LXXX réis;
00.09.1811 Despacho do maquinário da Casa da Moeda de Londres;
00.01.1812 Perda do maquinário da Casa da Moeda ;
00.02.1814 Mudança da Casa da Moeda para Prédio do Real Erário na rua da Lampadosa;
16.12.1815 O Brasil é elevado à condição de Reino Unido a Portugal e Algarves;
20.03.1816 Falecimento da rainha D. Maria I, mãe do Príncipe Regente D. João;
13.05.1816 Cria Armas do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves;
00.00.1816 Registro da nova situação política nas moedas: Série Especial;
12.08.1816 Cria a Academia de Belas-Artes - pintores, arquitetos e gravadores, Missão Francesa;
Gravador Zeferino Ferrez;
Pintor Debret, livro Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, Paris 1834;
06.02.1818 Coroação do Rei D. João VI do Reino Unido de Portugal, Brasil e dos Algarves;
06.02.1818 Cria a Ordem Nossa Senhora de Vila Viçosa;
00.00.1818 Tentativas de produzir uma medalha comemorativa da Coroação;
11.04.1818 Cria o “Carimbo de Mato Grosso”;
Moeda de prata da região de Mato Grosso/Cuiabá, moeda de 8 reales passa a valer 960 réis;
Transformado em 1821 no “Carimbo Cuiabá” e após nas variantes “960/C”;
23.11.1820 Nomeação de Zeferino Ferrez Professor da Aula de Gravura de Medalhas da Academia;
00.12.1820 Confecção da medalha com busto real e titulação real;
00.12.1820 Confecção da medalha Aclamação em 1818 do Rei D. João VI;
00.12.1820 Medalha da Coroação do Rei D. João VI;

SNB lança medalha comemorativa

Participando das comemorações internacionais do bicentenário da chegada da Família Real ao Brasil, a Sociedade Numismática Brasileira está lançando medalha alusiva a esse importante fato que iniciou a modificação administrativa e econômica da então colônia do Brasil. A numismática, uma fonte auxilia da história, apresenta muitos registros oriundos desse acontecimento.

A concepção de criação ficou a cargo do Assessor da Curadoria da SNB, Fábio de Souza, com produção da Prataria Consentino, São Paulo. A emissão será limitada como as demais medalhas da SNB. (oportunamente será divulgada a tiragem total e outros detalhes.)

A classificação medalhística desse exemplar que apresenta duas dimensões diferentes conforme o metal utilizado na sua confecção:

Anverso: No campo esfera armilar com escudo português e coroa real (armas do reino unido e Portugal, Brasil e Algarves), Dragão (insígnia heráldica da família Bragança) encimado pela a constelação do Cruzeiro do Sul (representando a vinda para o Brasil). Na legenda *BICENTENÁRIO DA CHEGADA DA FAMILÍA REAL AO BRASIL.* No campo *1808 - 2008*

Reverso: No campo o busto de D. João, com a inscrição: *D. JOÃO VI* e no campo em duas linhas: *SOC.DE NUMISMÁTICA / BRASILEIRA.*

2008 - Bicentenário da Chegada da Família Real ao Brasil, 28 mm.

Criação: Fabio de Souza (SNB - SP)

Modelagem: Shelia Gasparotto, SP.

Gravador: Aristides de Sá Vieira, SP.

Ouro (916 milésimos- 15 gr), com tiragem a ser divulgada posteriormente.

Obs.: essa dimensão, 28 mm, só terá exemplares cunhados em ouro.

2008 - Bicentenário da Chegada da Família Real ao Brasil, 34 mm.

Criação: Fabio de Souza (SNB - SP)

Modelagem: Shelia Gasparotto, SP.

Gravador: Aristides de Sá Vieira, SP.

Prata (900 milésimos - 20 gr), com tiragem a ser divulgada posteriormente.

Obs.: essa dimensão, 34 mm, só terá exemplares cunhados em prata

Estas medalhas estão disponíveis para aquisição das seguintes maneiras:

Estojo duplo contendo o exemplar de 28 mm ouro e o exemplar de 34 mm prata;

Estojo simples contendo o exemplar de 34 mm prata;

Visita dos Príncipes Imperiais e Reais

No dia 31 de maio no Grand Hotel Ca´D´Oro na solenidade de lançamento da medalha comemorativa ao bicentenário da chegada da Família Real ao Brasil, estarão presentes Suas Altezas Imperiais e Reais, os Príncipes Dom Luiz de Orleans e Bragança – Chefe da Casa Imperial do Brasil e seu irmão, Dom Bertrand de Orleans e Bragança. A Sociedade Numismática Brasileira agradece antecipadamente a presença de ambos, que muito nos honra. Segue abaixo a biografia de Suas Altezas.

D. Luiz de Orleans e Bragança

O Senhor Dom Luiz de Orleans e Bragança - atual Chefe da Casa Imperial do Brasil - é primogênito e herdeiro dinástico do Príncipe Dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança (1909-1981), admirável figura de brasileiro, chefe de família exemplar e artista de reconhecido talento; é neto de Dom Luiz de Orleans e Bragança (1878-1921) - cognominado o Príncipe Perfeito; bisneto da Princesa Isabel a Redentora, e trineto do Imperador Dom Pedro II.

Os Imperadores do Brasil, bem como os Reis de Portugal desde o século XVII, pertenceram à dinastia de Bragança, a qual teve sua origem

em fins do século XIV, na figura heróica e legendária do Santo Condestável de Portugal, o Bem-Aventurado Dom Nun'Alvares Pereira.

Por sua Mãe, a Princesa Dona Maria da Baviera de Orleans e Bragança, Dom Luiz herda as tradições da Família de Wittelsbach, a Casa Real da Baviera, uma das mais antigas da Europa, pois tem sua origem no século IX, e célebre nos campos das artes e da cultura.

Por seu bisavô o Príncipe Gastão de Orleans, Conde d'Eu, esposo da Princesa Isabel e herói da Guerra de Marrocos e da Guerra do Paraguai, o atual Chefe da Casa Imperial do Brasil descende da Casa Real Francesa. Com efeito, provém ele em linha direta, por legítima varonia, de Hugo Capeto, que em 987 ascendeu ao trono da França; e de São Luís IX, o Rei-Cruzado que governou a França de 1226 a 1270.

Descendendo de Reis, Santos e Heróis, de Fundadores de Impérios, Cruzados e Artistas, Dom Luiz haveria de receber uma educação à altura das tradições que representa.

Foi intenção de seu Pai dar-lhe uma formação moral sólida, baseada nos princípios tradicionais da Santa Igreja. Ao mesmo tempo, desejou que ele tivesse uma cultura geral, um conhecimento em profundidade dos problemas do Brasil e do mundo, e um trato social condizentes com a alta posição que lhe estava destinada.

Por fim, desejou para seu primogênito o que a antiga Lei de Banimento não permitira para si próprio: uma educação no Brasil, entre brasileiros, e dentro das melhores tradições brasileiras.

Nascido em Mandelieu (França) em 6 de junho de 1938, foi batizado com o nome de Luiz Gastão Maria José Pio de Orleans e Bragança, na Capela do Mas-Saint-Louis, vila de sua Avó a Princesa D. Maria Pia de Bourbon-Sicílias de Orleans e Bragança, e registrado no Consulado Geral do Brasil em Paris.

Com a deflagração, em 1939, da Segunda Guerra Mundial, a Família Imperial ficou retida na França e impedida de transferir-se para o Brasil. Só após o término do conflito pôde Dom Luiz, então menino de sete anos, ver pela primeira vez a sua terra.

Fez os estudos secundários em parte no Paraná, onde seu Pai se instalara como fazendeiro, em parte no Rio de Janeiro, no Colégio Santo Inácio da Companhia de Jesus. Cursou depois o Colégio Universitário, em Paris, e foi concluir seus estudos na Universidade de Munique, onde cursou Química.

Nas horas vagas que lhe proporcionava o rígido curso universitário, e durante os períodos de férias, em que viajou por toda a Europa, aproveitou o jovem Príncipe para tornar mais conhecido o Brasil nos ambientes que freqüentava, a saber, os círculos da mais alta nobreza européia, e os meios universitários alemães, italianos e franceses.

Retornando ao Brasil em 1967, passou a residir em São Paulo, onde assumiu a direção do Secretariado de seu Pai, já então residente na sua propriedade rural em Vassouras, no Estado do Rio de Janeiro.

Com o falecimento de Dom Pedro Henrique, em 5 de julho de 1981, Dom Luiz ascendeu à condição de Chefe da Casa Imperial do Brasil.

A queda da Cláusula Pétrea na Assembléia Constituinte de 1987-1988, - para a qual concorreu Dom Luiz de maneira decisiva, com carta solidamente argumentada aos Senadores e Deputados pedindo a abolição daquele dispositivo discriminatório aos monarquistas - e a conseqüente convocação de um plebiscito em 1993 para decidir sobre a forma e regime de governo a vigorarem no país, projetaram Dom Luiz para uma situação de destaque que fora negada a seu Pai, primeiramente com a campanha para aquela consulta popular e depois com o cultivo do grande saldo por ela deixado - 13% dos votos válidos (mais do que o eleitorado da maior parte dos partidos políticos, em um pleito ardilosamente antecipado e no qual Dom Luiz, representante natural da forma monárquica de governo, ficou privado do indispensável acesso aos meios televisivos).

Assim, em contacto próximo com um grande número de brasileiros, que vêem na Casa Imperial uma luz e uma esperança em meio à revolta e confusa situação política, social, cultural e moral dos dias atuais, amargada por sucessivas frustrações proporcionadas por estas ou aquelas figuras ou propostas políticas, Dom Luiz faz sentir que o Brasil encontrará seu seguro caminho na fidelidade aos valores que o fizeram, no tempo do Império, grande e respeitado entre as nações.

Dom Luiz vem presidindo regularmente congressos e eventos de monarquistas realizados em diversas regiões do País, impressionando sempre seus auditórios pela profundidade, clareza e palpitação dos conceitos que emite.

Tem também viajado regularmente ao Exterior, proferindo conferências na Europa e nos Estados Unidos para públicos escolhidos e participando de eventos comprometidos com a sustentação dos

valores tradicionais, notadamente os promovidos pela associação Noblesse et Tradition, que congrega o escol da nobreza européia.

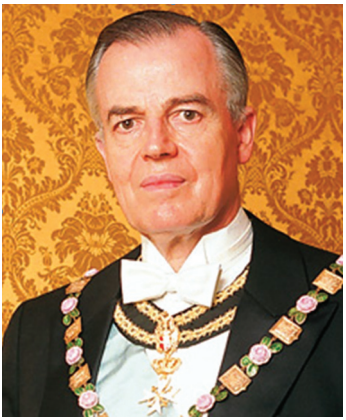
Falando fluentemente três idiomas - o português, o francês e o alemão - e entendendo ainda o castelhano, o inglês e o italiano, Dom Luiz é senhor de sólida cultura, alicerçada em leituras sérias e prolongadas, especialmente de assuntos históricos e sociológicos, assim como no contato com a realidade viva da nação.

Como o Imperador Dom Pedro II, encontra no estudo um verdadeiro prazer. Mas, divergindo neste ponto de seu trisavô, gostou desde cedo da equitação e da caça, tendo mesmo, neste último esporte, conquistado alguns troféus. Nos últimos anos retomou a fotografia, revelando, na precisão das composições e na matização dos detalhes, o veio artístico dos dois ramos familiares. É ainda apreciador de música erudita, especialmente de compositores brasileiros da escola barroca.

Católico ardoroso e por isso mesmo infenso a todas as formas de socialismo, atuou desde jovem, com o vivo incentivo de seu Pai, em prol dos princípios fundamentais da Civilização Cristã, atividade esta a que continua a consagrar suas disponibilidades de tempo.

É Grão-Mestre da de Pedro I, da Ordem da Rosa e das demais Ordens Imperiais brasileiras. É ainda Grã-Cruz da Ordem Constantiniana de São Jorge, da Casa Real de Bourbon-Sicílias, Grã Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (Portugal) e Bailio Grã-Cruz de Honra e Devoção da Soberana Ordem de Malta, além de membro-efetivo de diversos institutos culturais.

Ultimamente Dom Luiz tem dedicado um pouco do seu tempo à composição de memórias, nas quais vai registrando, a par de suas inúmeras recordações, comentários e juízos acerca dos acontecimentos e transformações que acompanhou em meio século de vida adulta. Tais escritos são aguardados com muito interesse por quantos o conhecem.



D. Bertrand de Orleans e Bragança

O Príncipe D. Bertrand de Orleans e Bragança, Príncipe Imperial do Brasil é o terceiro dos doze filhos do Príncipe D. Pedro Henrique de Orleans e Bragança (1909-1981), Chefe da Casa Imperial do Brasil até seu falecimento; é neto de D. Luiz de Orleans e Bragança (1878-1921), o Príncipe Perfeito, bisneto da Princesa Isabel, a Redentora, e trineto do Imperador Dom Pedro II, último monarca dos brasileiros.

Os Imperadores do Brasil, bem como os Reis de Portugal desde o século XVII, pertenceram à dinastia de Bragança, a qual teve sua origem em fins do século XIV, na figura heróica e legendária do Santo Condestável de Portugal, o Bem-Aventurado D. Nun'Alvares Pereira.

Por sua Mãe, a Princesa Dona Maria da Baviera de Orleans e Bragança, D. Bertrand herdou as tradições da Família de Wittelsbach, a Casa Real da Baviera, uma das mais antigas da Europa, remontando ao século IX.

Por seu bisavô o Príncipe Gastão de Orleans, Conde d'Eu, esposo da Princesa Isabel e herói da Guerra do Paraguai, D. Bertrand descende da Casa Real Francesa, provindo em linha direta de Hugo Capeto e de São Luís IX, o Rei-Cruzado.

Descendendo de Reis, Santos e Heróis, de Fundadores de Impérios e Cruzados, o Príncipe Imperial recebeu uma educação à altura das tradições que encarna.

Nascido em 1941, em Mandelieu, no sul da França, onde o exílio da Família Imperial e a II Grande Guerra retivera seus Pais, D. Bertrand veio para o Brasil logo após o término do conflito.

Realizou seus estudos secundários em parte no Estado do Paraná, onde seu Pai se instalara como fazendeiro, em parte no Colégio Santo Inácio, dos padres jesuítas, no Rio de Janeiro. Cursou depois a tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, de São Paulo, formando-se como advogado em 1964.

Desde muito jovem recebeu esmerada formação católica, sendo orientado por seu Pai para o gosto pelo estudo doutrinário e a análise dos acontecimentos nacionais e internacionais. Participou com entusiasmo, nos bancos acadêmicos, das pugnas ideológicas que marcaram o Brasil na primeira metade dos anos sessenta. Foi sua formação completada com freqüentes viagens à Europa, uma das quais deu-se durante toda a primeira Sessão do Concílio Vaticano II, quando o jovem Príncipe tomou estreito contato com a intelectualidade católica acorrida a Roma para o magno evento.

D. Bertrand vem dedicando, pois, sua existência à difusão dos ideais católicos e monárquicos, vistos por ele como facetas distintas e harmônicas de um mesmo ideal. Tornou-se conferencista sempre mais solicitado, impressionando os auditórios não menos pela clareza da exposição que pelo forte efeito de sua personalidade, marcada a fundo pelos princípios que professa.

Falou assim muitas vezes para variados públicos de nosso extenso território, participando também de congressos e seminários, atividade depois estendida à maior parte dos países da América do Sul e também aos Estados Unidos e Canadá.

Com a ascensão, em 1981, de seu irmão primogênito D. Luiz à Chefia da Casa Imperial do Brasil, D. Bertrand, que é seu imediato sucessor dinástico, assumiu a direção do Secretariado respectivo, incentivando a atividade dos monarquistas disseminados pelo País e liderando uma campanha nacional para a eliminação da Cláusula Pétrea —dispositivo legal que desde a implantação da República vedava toda atividade e propaganda monárquica — aspiração finalmente acolhida na Constituição promulgada em 1988, a qual ademais convocou o Plebiscito de 1993 para determinar a forma e regime de governo a vigorarem no País.

Coube assim a D. Bertrand a chefia da grande campanha que, sob a orientação do Príncipe D. Luiz, visava conduzir ao voto vitorioso o encoberto sentimento monárquico de um grande número de brasileiros. Isto o levou a uma infatigável atividade de propulsão e coordenação, multiplicando entidades monárquicas por todo o País e

viajando ele próprio — ao mesmo tempo que o Chefe da Casa e outros Príncipes seus irmãos — por todo o território nacional, tornando conhecidos de grandes públicos os seus predicados de inteligência, preparo e idealismo. Marcaram essa fase memoráveis confrontos televisivos, nos quais D. Bertrand se sobressaiu ante seus opositores, ora derrotados, ora conquistados.

Em 1990, no contexto da mencionada campanha, D. Bertrand realizou uma tournée de conferências pela Europa: França, Portugal, Espanha, Itália e Áustria foram os países onde se destacou de forma brilhante e obteve consagradora acolhida, tendo-se constituído acontecimento de repercussão nacional sua estadia em Portugal. A partir de então, multiplicaram-se as viagens para palestras e visitas comemorativas a países — além dos mencionados — como Reino Unido, Polônia, Estados Unidos, Argentina, Chile, Uruguai, numa agenda que concorre com múltiplas solicitações do próprio Brasil. Destaca-se, mais recentemente, a prestigiosa visita ao Texas e Louisiana. A Louisiana comemorava oficialmente os 300 anos de presença francesa. Por parte dos americanos, a acolhida ao Príncipe Imperial, como descendente do Rei S. Luiz IX da França, foi calorosa quando não entusiástica. Terminou sua viagem, durante a qual tomou contacto com altos dignitários do Estado de Lousiana, na cidade de Nova Orleans, fundada por seu antepassado Gastão, Duque de Orleans.

O Príncipe Imperial orientou e participou ativamente do projeto da Pró Monarquia / Juventude Monárquica Rumo aos 500 anos, o qual, a propósito da comemoração do V Centenário de nosso descobrimento, tinha como objetivo resgatar a história autêntica de nosso País. No desenrolar desse projeto, D. Bertrand proferiu inúmeras palestras, incluindo diversas em instituições de ensino superior.

No contexto do mencionado projeto, D. Bertrand viajou neste ano a Portugal, onde participou de eventos promovidos conjuntamente pelo movimento monárquico português e pelo brasileiro, sendo de ressaltar as conferências proferidas na Universidade Católica do Porto e no Instituto Superior de Ciências Políticas em Lisboa, sobre o V Centenário.

No tocante a temas em debate no mundo de hoje, D. Bertrand, coerentemente com seu pensamento, se posiciona claramente no campo da propriedade privada, livre iniciativa e respeito ao princípio de subsidiariedade, o qual limita o Estado ao âmbito que lhe toca por sua natureza. Tendo bem claro que os problemas sociais não são senão reflexo de outros mais profundos, de ordem moral, tem sido um

constante defensor da instituição da família, bem como do sagrado direito da vida, sustentando com vigor os ensinamentos da doutrina tradicional da Igreja nessas matérias e opondo-se categoricamente às tendências hedonistas e aos fatores de desagregação hoje tão favorecidos pelos meios de comunicação.

Além de sua ação individual em tal sentido, prestigia ele beneméritas instituições que atuam no mesmo campo, como Famiglia Domani, da Itália, de cujo Comitato Internazionale di Patronato é membro, a Fundación Argentina del Mañana, e outras.

Visando desmascarar aqueles que buscam no fantasma da fome um pretexto para suas teorias da limitação da natalidade, D. Bertrand tornou-se um entusiasta e propagandista dos avanços técnicos na produção de alimentos, prestigiando com sua presença eventos ligados ao campo, instituições de pesquisa e explorações agrícolas modelares, como aquelas do Nordeste brasileiro onde as plantações irrigadas obtêm — D. Bertrand gosta de repeti-lo — rendimentos superiores aos da mítica Califórnia. Não menor empenho manifesta no incremento da racional exploração dos recursos marítimos.

Atento a tudo quanto respeita à soberania nacional, D. Bertrand vem alertando para as influências e iniciativas que afetem, de modo encoberto ou não, nossos direitos sobre a Amazônia. Pela mesma razão o Príncipe Imperial, ante campanhas de descrédito que visam as forças armadas, julga imperioso prestigiar o militar e o policial cumpridores do dever.

Dom Bertrand é Coordenador Nacional e Porta-voz do Movimento Paz no Campo.Percorre todo o território nacional fazendo conferências e tomando contato com lideranças rurais em todo o País

Afeito desde a infância ao campo e ao ar livre, D. Bertrand sempre encontrou tempo para a prática esportiva: equitação, caça, pesca submarina, esqui, foram atividades que em diferentes épocas o atraíram, dedicando-se ele hoje mais ao montanhismo e ao tiro. Piloto civil, é reservista da Força Aérea Brasileira.

D. Bertrand é Bailio Grã-Cruz da Ordem da Rosa, Grã-Cruz da Ordem de Pedro I e demais Ordens Imperiais do Brasil, Bailio Grã-Cruz da Ordem Constantiniana de São Jorge, da Casa Real de Bourbon Sicílias e Bailio Grã-Cruz da Soberana Ordem de Malta, tendo recebido as insígnias no Palácio Magistral de Malta, em Roma.

Fonte: www.monarquia.org.br

As moedas de Hyele-Elea-Velia

Maricí Martins Magalhães

História e iconografia das moedas de Hyele-Elea-Velia através da coleção do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro [1]

I - A Fundação da Colônia Grega [2]

Os fundadores da cidade de *Velia* ou *Elea*, ou ainda *Hyele*, localizada na região Lucânia (Itália Meridional), eram gregos originários da cidade de *Phokaia* (Focéia, no norte da região chamada Jônia, no litoral da Ásia Menor, que floresceu a partir de 600 a. C., e de onde fugiram em 545 a.C. por causa do ataque militar persa conduzido por Arpago, general de Ciro [3]. Inicialmente estes se dirigiram para a cidade de *Alalia* (atual Aleria), na ilha de Córsega, no Mar Tirreno, onde 20 anos antes seus compatriotas teriam fundado uma cidade (565 a.C.). Ali permaneceram durante 5 anos, e iniciaram a fazer pirataria, saques e roubos, até despertar a reação dos Etruscos e dos Cartaginenses, que há pouco tempo teriam feito um pacto de amizade para proteger os respectivos interesses no Mar Tirreno [4].

[1] Meus sinceros agradecimentos ao Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, representado por: Profª Vera Lúcia Bottrel Tostes, diretora; Drª Ângela Cardoso Guedes, Assessora de Comunicação; Srª Ruth Beatriz Caldeira, Coordenadora Técnica; Srª Eliane Rose Vaz Cabral Nery, Chefe do Dept° de Numismática e Ms. Rejane Maria Lobo Vieira, pesquisadora do mesmo Dept°. Sou particularmente agradecida ao Prof. Dr. Luiz Aranha Correa do Lago, curador da Exposição Permanente de Moedas do MHN, pelo encorajamento e pelo acesso aos volumes da *Sylloge Nummorum Graecorum Copenhagen* da sua biblioteca particular. Devo ainda um agradecimento à Drª Teresa Giove, Chefe do Medalheiro do *Museo Archeologico Nazionale di Napoli* e à Drª Matilde Romito, Diretora dos *Musei Provinciali del Salernitano*, as quais com grande simpatia me acolheram nas suas respectivas bibliotecas e me consentiram a consulta às outras *Syllogai Nummorum Graecorum* mencionadas neste trabalho.

[2] Sobre a extensa e valiosa coleção de moedas provenientes da Itália Meridional, da Sicília e da Grécia (a chamada *Coleção Comendador Antônio Pedro*), conservada no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, já falou-se em outras sedes, às vezes longamente. Remeto assim a VIEIRA 1995, pp. 91-111; MAGALHÃES 2007-A, pp. 5-28; MAGALHÃES 2007-B, pp. 227-237 e MAGALHÃES 2008, pp. 7-47. Encontra-se ainda em curso de preparação o I volume do catálogo curado pela mesma autora, intitulado *Italia et Sicilia. Moedas Itálicas, Italiotas e Siceliotas do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro*, onde um inteiro capítulo é dedicado à história da coleção.

[3] Para os outros acontecimentos entre a partida de Fócia e a chegada na Córsega, vd. LIBERO MANGIERI 1986, p. 17.

[4] As fontes para os eventos históricos dos Fócios e para a fundação de *Velia-Elea-Hyele* são Heródoto I, 163-167 (bem longo) e Antíoco reportado por Estrabão VI, 1, 1 (breve fragmento que fala somente da retirada dos Fócios, partidos da Ásia Menor, a *Kymos* [Córsega] e a *Massalia* [Marselha]). Uma história da fundação de *Velia* é narrada por GRECO 1981, pp. 37-38; para os dados arqueológicos vd. GUZZO 1982, pp. 221-225; ainda LIBERO MANGIERI 1986, pp. 15-21 e GRECO 1992, pp. 81-86 (que comenta Heródoto e Antíoco); mais resumido, WILLIAMS 1992, p. 1.

Como conseqüência, desencadeou-se a guerra que culminou numa grande batalha naval por volta de 540 a.C., nas imediações da própria cidade de *Alalia*: Etruscos e Cartaginenses colocaram no mar 120 navios, contra somente 60 dos Fócios, que sofreram uma pesada derrota (Heródoto I, 163-67, "vitória cadméia"). Da frota Focéia, somente 20 navios escaparam ao massacre; os prisioneiros que caíram nas mãos dos Etruscos, foram condenados ao apedrejamento nas muralhas de *Caere Vetus* (antiga *Agyllae*, atual *Cerveteri*). Ora, estes 20 navios fugiram para a cidade amiga de *Rhegion* (atual *Reggio Calabria*) e ali encontraram "um homem de *Poseidonia*" (assim nos diz a nossa fonte, Heródoto), que os ajudou a interpretar corretamente uma resposta oracular, indicando-lhes o local entre *Poseidonia* e *Pyxous* na costa tirrênica, onde deveriam fundar a sua cidade, a qual recebeu das fontes literárias e numismáticas o nome de *Hyele*, e que, com o nome de *Elea*, foi célebre no mundo grego pela escola médica e filosófica, dominada pelas figuras de Parmênides e de Zenôn, e que em época romana foi denominada *Velia*.

Naturalmente a partir desta narrativa, fica claro aqui o papel ativo das cidades de *Poseidonia* e de *Rhegion* nesta fundação eleata, como conselheiras ou intermediárias para a indicação do local onde fundar a nova colônia, sobre uma belíssima acrópole diante do Mar Tirreno, entre *Punta Licosa* (lado poseidoniate) e *Capo Palinuro* (*Pyxus*, *Laus*, Golfo de Policastro). Parece ainda óbvio que *Rhegion* tinha todo o interesse em ajudar os Fócios a reconstituir os tráfegos comerciais muito frutuosos (para todos) entre Oriente e Ocidente; o interesse da vizinha *Poseidonia* se deve provavelmente ao fato que a proximidade da colônia traria prosperidade econômica ao território, tendo em vista a vocação marinha dos Fócios, em um sítio que se debruça sobre o mar, e de onde retiravam as próprias fontes de subsistência. Este lugar também era um ponto estratégico, um porto ideal, etapa obrigatória do itinerário marítimo que conduzia os navegantes do Estreito de Messina até a Etrúria e depois à costa françesa (*Massalia*, atual Marselha) [5].

Na verdade o nome *Velia* que hoje adotamos, era utilizado pelos romanos. Os Fócios que chegaram no VI séc. a.C., chamaram o local de *Hyele* de uma fonte sagrada que existia ali [6], e cuja forma

[5] STAZIO 1983, p. 124. Parece que de fato a cidade teve dois portos, e desenvolveu atividades de pesca e de comércio marítimo, dado que eram excelentes navegadores e hábeis comerciantes (cf. LIBERO MANGIERI 1986, p. 18).

[6] Cf. LIBERO MANGIERI 1986, p. 17, a notícia da fonte sagrada é fornecida em Estrabão VI, I, I = C252, 253, onde são apreendidas algumas informações de Heródoto.

em genitivo, □VΣH□TΣWΠ ou □VΣLH□TWΠ, aparece nas moedas. Já a forma !Eleva, preferida pelos filósofos da escola chamada justamente "Eleata", aparece em Platão (Soph. 216a), assim como Elh em Estrabão, até a chamada Beleäa de Stefano de Bizâncio [7]. Acredita-se que o nome original (*Hyele*) tivesse sido trazido pelos colonos gregos; mas como os vizinhos nativos tivessem alguma ou muita dificuldade em pronunciar a aspiração inicial grega, esta foi suprimida, como em *Elea*, ou substituída pelo B/V local, culminando assim respectivamente em *Belea* e *Velia* [8].

De qualquer maneira, seguindo a narração histórica, a fundação deveria ser colocada pouco depois de 540 a.C. Apesar de que esta data 'oficial' de fundação possa ser retroagida de pelo menos 30 anos, depois dos achados arqueológicos na acrópole de *Elea*, como e.g. a cerâmica lacônica e coríntia no mais antigo quarteirão da cidade. Deve-se interpretar então que os Fócios, hábeis navegantes e responsáveis pela fundação de numerosos *emporia*, já freqüentavam o sítio antes que estabelecessem seus primeiros colonos. Sobre os *emporia*, além de *Alalia* na Córsega, recorde-se aja citada *Massalia* na França e *Ampurias/Emporiae* na Espanha, que tiveram um desenvolvimento autônomo, apesar das sintonias com a mãe-pátria, tornando-se centros de importância relevante [9].

II – Iconografia dos Tipos

Antes de iniciar o catálogo ou, o que é ainda mais importante, o trabalho de seriação das nossas moedas do Museu Histórico Nacional, resta tecer, como sempre, alguns (poucos) comentários sobre os tipos monetários que apresentarei. Estes tipos representam o *sema* ao qual a comunidade confia a sua imagem, como um 'retrato' ou 'sinete', seu sinal distintivo, mas não é dito que estes tipos traduzem sempre e automaticamente a orientação do regime político ou acontecimentos históricos pontuais como veremos a seguir, mas simplesmente um escambo de idéias e de manufatos e adesões culturais, ou ainda correntes artísticas de ampla difusão [10].

---

[7] Vd. WILLIAMS 1992 cit., p. 1.
[8] Sobre a forma *Velia*, de acepção Latina, vd. Liv. XXVI, 39, 5 citado por LIBERO MANGIERI 1986, p. 18; para o problema da pronúncia indígena, cf. WILLIAMS 1992, p. 1.
[9] Sobre este assunto, vd. LIBERO MANGIERI 1986, pp. 15-16.
[10] RUTTER 2002, pp. 167 e 175.

Sobre os tipos 'Ninfa', que aparecem nas primeiras dracmas velinas ou eleatas (Figg. 1 e 2; Períodos II e III), e dos quais já falamos exaustivamente no ano passado, quando estudamos a cidade magno-grega de *Neapolis* [11], creio que não existam dúvidas: esta 'moda' de representar personagens femininos epônimos, que apareceu justamente no início do V séc. a.C., caracterizou a amoedação de numerosas cidades da Magna Grécia e da Sicília, como *Cumae* (com a sua ninfa *Kyme*), *Neapolis* (com a sua sereia *Parthenope*), *Terina* (com a ninfa homônima), *Tarentum* (com a ninfa *Satyra*) e enfim *Syracusae*, na Sicília, com a ninfa que deu nome à fonte *Arethusa* [12]. A ninfa *Hyele* representada nas nossas moedas eletatas simboliza, como em todas as outras cidades, a antropomorfização do espaço ocupado pela *polis* e assim ela é o *typos* (no sentido grego de 'marca, imagem') da inteira *politeia* ou cidade-Estado [13]. Acrescento ainda que aqui inicia a discussão sobre a importância da mobilidade do artesão ou incisor de cunhos, dada a semelhança iconográfica destes tipos 'Ninfa', principalmente da nossa *Hyele* com a ninfa de *Terina* [14].

A coruja do R/ das nossas dracmas (Fig. 1 e 2; Períodos II e III), por sua vez, já é um 'pré-anúncio' da popularidade, ou melhor, da oficialidade que o culto da deusa *Athena* irá simbolizar, justamente a partir do início do V séc. a.C., como veremos ainda quando tratarmos dos didracmas. Na realidade, o primeiro sinete de *Elea*, a coruja, coincide com um momento no qual a cidade quis acentuar a própria identidade, colocando sobre a moeda o nome *Hyele* e a imagem da ninfa epônima. Mas de qualquer modo, observe-se que o tipo 'coruja sobre ramo de oliveira' aparecerá como padrão no final do IV séc. a.C., no R/ das dracmas também de *Taras*, de *Metapontum*, de *Heraclea* e de *Croton* [15].

O tipo 'leão', que vai caracterizar o R/ do *stater* ou didracma, nominal de prata de maior peso, é mais antigo do que a *Athena* que figura no A/ (Figg. 3-18; Períodos V a IX). A protome deste leão já aparece nas primeiras amoedações incusas de *Elea*, e parece a todos os estudiosos um motivo claramente Egeu e lembra por um

[11] MAGALHÃES 2007-A, pp. 5-28.
[12] MAGALHÃES 2008, p. 10 e nt. 12, que segue CANTILENA 1988, pp. 46-47 e RUTTER 1979, pp. 44-45, e ainda RUTTER 1997, pp. 54, 59, 61, 63 e 145.
[13] CANTILENA 2006, pp. 435 e 437.
[14] RUTTER 2002, p. 174, liga, com razão, também a *Syracuse*.
[15] RUTTER 2002, pp. 178-179.
[16] Sobre a origem Egéia, já acena LIBERO MANGIERI 1986, pp. 26-27; CANTILENA 2006, p. 426, a qual remete a GRECO, G. Velia: città delle acque. In: *Velia – Studien* I, 1999, pp. 82-83.

lado os cultos de *Herakles* e *Apollon* [16]. No entanto quero recordar veementemente aqui que este leão foi trazido da Ásia Menor, madre-pátria dos colonos Fócios, o que recorda neste caso os leões da oriental deusa mãe *Cybele*, também conhecida como *Megale Meter* ou 'Grande Mãe', 'mãe que nutre os leões da Frígia' e domina a natureza selvagem [17], e assim a sua associação a este culto me parece bem mais favorável. Recordemos ainda que o tipo 'leão' ou 'protome de leão' já era presente na região em torno a Focéia, pois aparece na Jônia desde o VI séc. a.C., como em *Miletus*, *Smyrna*, *Samios*, na Cária em *Cnidus* e na *Lydia* [18]; finalmente nos *hektai* ou sextos de *electrum* da própria Focéia e em frações de *electrum* de *Mitylene*, na ilha de *Lesbos* [19]. E estes mesmos leões vão aparecer depois nas outras fundações ou *emporia* de Focéia, em *Massalia* e em *Emporiai* [20]. De qualquer maneira, além do tipo 'leão', são também influências derivadas do mundo Egeu, o quadrado incuso do R/ e a ausência de letras de identificação, como sinais transplantados, levados como bagagem cultural pelos colonizadores asiáticos [21]. Acrescente-se a isso que a dracma de aprox. gr. 3,80, está em perfeita harmonia como que se apreende das frações correspondentes em *Massalia* e *Emporiai* [22].

Sobre a deusa *Athena* que aparece no A/ destes didracmas (Figg. 3-18; Períodos V a IX), poder-se-ia dizer inicialmente que parece ser a principal divindade do *pantheon* eleata, e aparece quando se tornou comum incidir a efígie dos deuses sobre a moeda, hábito iniciado pelas cidades de Atenas e Corinto no VI séc. a.C., justamente com a cabeça da própria deusa *Athena*. Sempre falando de cultos locais muito radicados e em comum, recordo que o seu culto já é atestado na mãe-pátria Focéia e depois também em *Massalia*, fundação focéia na Gália (atual Marselha, França), à qual já acenei no início deste trabalho. Nas três cidades, a deusa usa elmo coríntio,

---

[17] CANTILENA 2006, p. 427 e nt. 16, a qual remete a TOCCO, G. I culti di Velia. Scoperte recenti. In: *Les Cultes de cités phocéennes* 2000,pp. 51-58, e a DE LA GENIÈRE, J. La Megale Meter a Velia?. In: *Elea-Velia. Le nuove ricerche* 2003, pp. 63-68.

[18] Cf., e.g., KRAAY-M. HIRMER 1987: n. 586 (*Stater*/EL, *Ionia or Caria*, *Uncertain Mint*, c. 550 a.C.); nn. 588 e 591 (*Stater*/EL, *Miletus*, c. 575 a.C.); n. 592 e 614-617 (*Stater*/EL, *Smyrna* [?], c. 550 a.C.); n. 613 (Tetradracma/AR, *Samios*, 494-489 a.C.; na Cária, n. 629-632 (Dracma/AR, *Cnidus*, c. 455-395 a.C.); na *Lydia*, nn. 584 e 590 (AV, *Croesus*, 561-546 a.C.), e assim por diante.

[19] Para Focéia (Jônia), v. HEAD-HILL-MAC DONALD-WROTH 1911, p. 588; para *Mitylene* (*Lesbos*), vd. JAMESON 1913, n. 1470. Também RUTTER 2002, p. 171, concorda justamente que o tipo leão idêntico ao das primeiras emissões de *Elea* aparece sobre os *hektai* de *electrum* atribuídos aos Fócios.

[20] *Massalia*, IV-II séc. a.C.: cf. HEAD-HILL-MAC DONALD-WROTH 1911, pp. 6-7; SNG Copenhagen 730, 776, 800, 802 e 808; KRAAY-HIRMER 1987, n. 331; *Emporiai*, cf. SEAR 2002, não obstante seja de época muito tardia, cunhagem Romano-Celtíbera de 218-133 a.C. (*Indigetes*).

[21] RUTTER 2002, p. 171.

[22] LIBERO MANGIERI 1986, pp. 27-28; CANTILENA 2006, p. 429.

depois ático, mas é discutível para todos os estudiosos se esta introdução da cabeça da deusa seja indício de uma estreita relação com a cidade de Atenas. Esta mudança de elmo coríntio a ático também é registrada em outras moedas da Magna Grécia, como *Cumae* e *Neapolis*, e esta iconografia vai perdurar até o III séc. a.C. [23].

Alguns estudiosos querem ver na escolha destes sinetes da cidade de Atenas (coruja e a deusa *Athena*) não somente uma influência cultural, mas um sinal preciso de ligação entre a colônia focéia e os interesses atenienses de natureza político-econômica no Mar Tirreno. Diante da ausência de provas para esta afirmação (isto é, de uma relação oficial de ordem cívica e política), melhor enxergar como um sinal da 'precoce sensibilidade' da aristocracia eleata em assimilar o prestígio cultural de Atenas [24]. Sempre segundo Cantilena, a cabeça de *Athena* com elmo aparecerá nos anos de Parmênides (segundo quartel do V séc. a.C.) e coincide com i início das grandes transformações urbanísticas na cidade, planejada pela autoridade governativa. A partir deste momento, será introduzida a seriação nas moedas e a amoedação assumirá características comuns às outras cidades da Magna Grécia [25].

Entretanto, sabemos que a cidade de Atenas teve um papel ativo na fundação da colônia 'pan-helênica' de *Thurium* por volta de 444-440 a.C. E sem dúvida encontraremos nos nossos didracmas uma estreita conexão com a *Athena* de *Thurium* e de *Heraclea*, principalmente nas características ornamentais, a coroa de oliveira e a *Scylla* de *Thurium*, o grifo de *Heraclea*, a ponto que o próprio Williams, que estudou profundamente a seriação, reconhece uma mesma mão de artesão para a confecção dos cunhos destas cidades. Ainda Rutter acha que a 'casa da moeda' de *Elea* reflete o desenvolvimento da de *Thurium*, também marcando alguns cunhos com uma breve seqüência de letras em ordem alfabética e/ou a letra F, ou seja, ligações estilísticas muito estreitas, e que permaneceram no IV séc. a.C. [26]; praticamente da mesma posição é Libero Mangieri [27], o qual apóia a tese da influência turina.

Assim, podemos concluir que em torno da metade do V séc. a.C., artesãos de ótimo nível técnico operaram, não somente em *Elea*, *Thurium* e *Heraklea* na Lucânia, e em *Terina* no *Bruttium*, mas também em cidades da Campânia como *Cumae*, *Neapolis* e *Hyria*,

[23] CANTILENA 2006, p. 434.
[24] CANTILENA 2006, p. 436.
[25] CANTILENA 2006, p. 437.
[26] RUTTER 2002, pp. 177-178.
[27] Que cita KRAAY 1976, p. 188 e uma ampla bibliografia sobre o assunto.

tendo em vista também a total semelhança das emissões com cabeça de *Athena* com elmo ático coroado de oliveira, em todas estas cidades. Assim, também concluímos que havia uma grande atividade de oficinas comuns, às quais as cidades magno-gregas e as comunidades indígenas encomendavam a produção de cunhos, ou então devemos avaliar a hipótese de mestres incisores móveis [28], e.g. a assinatura F de um deles (já anteriormente citada), comum a *Elea*, *Thurium* e *Terina*. Seja lá como for, esta atividade foi centenária, pois vemos nos anos das lindas criações de cunhos assinados por *Kleudorus* e *Philistion*, no final do IV séc., a mesma afinidade no perdurar do tema iconográfico, o que deixa intuir que estas cidades recorriam a um mesmo *atelier* (ou oficina) ou a artesãos (ou verdadeiros artistas) itinerantes [29].

O Prof. Rutter pensa que entre o V e o III séculos a.C. houve uma espécie de 'pressão' para a uniformização ou 'standardização' da amoedação em cidades da Magna Grécia [30], e conecta esta prática ao hábito de pagar os soldados, particularmente os mercenários. Parte da hipótese pode ter a sua razão de ser, se pensarmos também que uma amoedação com características comuns como, e.g. esta com a cabeça de *Athena*, favorece a notoriedade e o reconhecimento, e conseqüentemente uma maior penetração, difusão e aceitação em âmbitos externos. Seguramente ainda um instrumento eficaz para facilitar os escambos de tipo comercial em uma cidade como *Elea*. De qualquer modo, pode-se observar que per volta de 400 a.C. as principais casas da moeda (*Taras*, *Thurium* e *Elea*) estabeleceram as suas respectivas cunhagens de uma mesma maneira, e com as quais prosseguiram por um século ou mais [31]. Quaisquer que fossem estas motivações, podemos concluir que se trata de uma incisiva e custosa intervenção da parte pública e conseqüentemente uma grande prosperidade (capacidade de despesa) da comunidade eleata, quando escolheu servir-se, e por longos anos, dos melhores artesãos para as suas emissões [32].

[28] CANTILENA 2006, p. 441.
[29] Insiste também na importância do artesão, CANTILENA 2006, p. 442.
[30] RUTTER 2002, pp. 180-183. A resistência em modificar o aspecto da moeda era devido à necessidade de manter a confiança que inspirava, por isso a 'conformidade numismática'.
[31] KRAAY 1976, p. 189.
[32] CANTILENA 2006, p. 443.
[33] RUTTER 2002, p. 177.

Elea ou *Velia* foi também uma das primeiras cidades italiotas a cunhar bronze, juntamente com *Thurium* e *Rhegion*, o que comprova mais uma vez a sua intensa ligação com o sistema monetário da Magna Grécia [33]. Com relação à figura que aparece no nosso único bronze, a cabeça de *Zeus* (Fig. 19), podemos afirmar com certa segurança que está ligada ao culto local da divindade, como ainda acontece com *Herakles* e *Apollon* [34], além da *Athena* da qual já se falou exaustivamente. A equipe de Rutter, em HNI [35], data de maneira geral estes bronzes entre IV e II séc. a.C., mas podemos colocar o nosso entre o IV e o início do III, nos anos que antecedem a chegada dos Romanos em 273 a.C., também porque moedas iguais foram sepultas em *Poseidonia* antes da metade do III séc. a.C., como mostram os dados arqueológicos.

III – Catálogo [36]

Dentre as moedas da coleção do Museu Histórico Nacional (doravante MHN), não possuímos exemplares deste período da fundação, ou seja, do chamado Período I de Williams (estudioso que executou uma seriação exemplar nas moedas eleatas em 1992), dracmas anepígrafes arcaicos que são colocados entre 535 e 465 a.C. (Protome de leão/Quadrado incuso). Diga-se de passagem, estas moedas não são incusas, pois *Hyele* foi a única cidade da Magna Grécia que não adotou esta técnica (aquéia), mas se adaptou às características da amoedação primitiva das costas da Ásia Menor, ou seja, com disco largo, quase globular, o tipo impresso exclusivamente no A/ e uma simples punção (quadrado incuso) no R/, e sem étnico [37].

Obviamente por isso iniciaremos a nossa exposição no II Período de Williams, que é o do chamado Grupo Pré-*Athena*, datado

[34] CANTILENA 2006, p. 425 e 445.
[35] HNI 2001, p. 121.
[36] Nas fichas, as *Syllogai Nummorum Graecorum* (SNG), são colocadas em ordem alfabética (e não na ordem cronológica das respectivas edições); enquanto as outras obras específicas aparecem em ordem cronológica.
[37] STAZIO 1983, p. 124; RUTTER 2002, p. 171.

entre aproximadamente 465-440 a.C., período no qual se data o nosso exemplar mais antigo.

Período II: Grupo Pré-*Athena*, c. 465 - c. 440 a.C. [38]

Este período corresponde à época imediatamente anterior aos tipos com cabeça *Athena* com elmo, ou seja, quando se cunhou as primeiras dracmas com os tipos Ninfa/Coruja, e pertencentes ao estilo mais antigo, no qual a ninfa aparece com o *krobylos* ou touca de cabelos. O *terminus post quem* para este período é fornecido pela derrota dos Etruscos, por parte de *Hieron* I de *Syracusae* em 474 a.C., o que provavelmente deu início a um período de prosperidade e maior expansão para *Elea* e para outras cidades magno-gregas da costa tirrênica. Este período de Williams é denominado por Rutter, "Tirrênico" [39].

1 – AR/ Dracma; mm. min. 13,7; max. 14,8; gr. 3,71. Inv. n. 1924.1179.18

A/ Cabeça de ninfa à dir., com cabelos presos por coque, de tipo arcaico.

R/ VELH acima, à esq.; coruja em pé, à dir., olhando de frente, pousada sobre ramo de oliveira ascendente de três folhas; entre o ramo e a coruja, letra E.
Datação: c. 465 – c. 440 a.C.

Cf. SNG ANS 1233 ou 1234; SNG Copenhagen 1529 (variante); SNG Delepierre 401; SNG Fitzwilliam 645 (variante); SNG Milano 419; SNG München 841; Libero Mangieri 1986, 35 (pelo E) ou 37 (pela semelhança dos tipos); Williams 1992, 88-89; HNI 2001, 1265.

[38] WILLIAMS 1992, pp. 16-26; HNI 2001, p. 118.
[39] RUTTER 2002, p. 172. O estudioso confronta o estilo chamado *Krobylos* com o R/ de *Syracuse*. Os primeiros empréstimos de *Elea* (nn. 70-93 de Williams) são comparáveis ao 3º Grupo de *Syracuse* (antes de 465 a.C.) ou às primeiras emissões do 4º Grupo; os empréstimos mais tardios (nn. 111-113 de Williams), comparáveis com as emissões mais tardias. Rutter (p. 173) estabelece ainda um confronto do n. 114 (Williams) de *Elea* com KO 50 (7º Grupo) de *Cumae*, datável entre 460-430 a.C.

Esta dracma é a moeda mais antiga da coleção do MHN, e nela podemos ainda distinguir a cabeça de perfil da Ninfa *Hyele* em estilo arcaico, com penteado em coque, arrumado num *krobylos* ou touca de cabelos. Diria mais especificamente que a figura feminina assemelha muito à que aparece no n. 89 de Williams, principalmente pelas ondulações dos cabelos e pelos fiapos que parecem sair do coque. No entanto esta moeda (n. 89) tem no R/ a letra *Vau*, enquanto na nossa parece ser E que existe na n. 88 do catálogo deste estudioso. De qualquer modo esta moedinha pode ser colocada entre as primeiras emissões do 'tipo ninfa' da cidade de *Elea*, datada justamente entre 465 e 440 a.C.

Período III: Grupo *Earliest Athena*, Sub-grupo 'Estilo *Ondulati*', 440/435 – c. 400 a.C. [40]

Esta fase, dentro de um grande grupo, ainda utiliza tipos Ninfa/Coruja, e coincide com o início daquela que será a grande cunhagem de *Elea*, a dos primeiros dracmas e didracmas com os tipos *Athena* com elmo/Leão. Observe-se que o penteado do tipo Ninfa agora evoluiu e aparece como uma série de 'ondas formais', por isso dito em italiano *ondulati*, em português estilo (com cabelos) 'ondulados'. Caracteriza-se ainda pela seqüência de letras gregas no R/ (Δ, B, G, D, Ξ, V Σ Z). Mas a cronologia absoluta deste período é fornecida pelos primeiros didracmas cunhados por *Thurium* (outra cidade da Lucânia fundada em torno a 444 a.C.), com o mesmo tipo *Athena* com elmo; se não foram simplesmente imitadas, poder-se-ia afirmar que foram cunhadas por uma oficina em comum.

2 – AR/ Dracma; mm. min. 15,1; max. 19,2; gr. 3,93. Inv. n. 1924.1179.17 (Fig. 2, A-R)

A/ Cabeça de ninfa à esq., com cabelos suspensos e ondulados; atrás dos cabelos, um

[40] WILLIAMS 1992, pp. 27-42; HNI 2001, p. 118.

pequenino G ou defeito do disco; atrás da nuca propriamente dita existe um orifício, que recobriu a letra, se existia.

R/ UELH acima; coruja à esq., olhando de frente, pousada sobre ramo de oliveira ascendente de seis folhas.

Datação: 440/435 – c. 400 a.C. (Período III – Grupo de Dracmas Ondulati*)*

Cf. SNG ANS 1269-1271; SNG Copenhagen 1533; SNG Delepierre 405; SNG Fitzwilliam 647; SNG Milano 430; SNG München 845-846; Libero Mangieri 1986, 86-89; Williams 1992, 195-197; HNI 2001, 1272.

A figura feminina que aparece no A/, seguramente e mais uma vez a ninfa *Hyele*, a qual apresenta os cabelos suspensos e ondulados. E são justamente os cabelos 'ondulados' que dão nome a um estilo que nasceu neste período, ou seja, de dracmas '*ondulati*', que coincide com os primeiros grupos de *Athena* com elmo (por isso *Earliest Athena Group*). Eu diria que podemos confrontar a ninfa do A/ da nossa moedinha mais especificamente com a figura feminina dos nn. 195-197 de Williams, da mesma maneira que a coruja de R/ se assemelha à de n. 197. De qualquer modo a moeda é de datação mais recente que a anterior, ou seja, entre 440 ou 435 e 400 a.C.

Existe ainda um Período intermediário entre este e o seguinte, ou IV, relativo ao Grupo 'T' [41], do qual não possuímos exemplares no MHN.

Período V: Grupo *Theta*, c. 365 – c. 350/340 [42] ou c. 340 – c. 334 a.C. [43]

Este grupo tira a sua denominação da predominância da letra Q incisa nas moedas, que juntamente com QP em nexo (este último monograma uma simples ramificação de Q), com Χ Σ Χ□ (= Χ∆)□, muito provavelmente as inicias dos artesãos-gravadores, desenvolvidas respectivamente como *Th.../Thr...*, e *Ch.../Cha...* . As letras F e E que aparecem no R/, parecem ser contra-marcas ou seja, marcas oficias, não de um magistrado anual, mas de uma espécie de *bureau* permanente, visto que permaneceram por longo tempo na amoedação desta fase. A legenda, sempre no exergo do R/, é também e sempre UELHTWN.

[41] C. 400 – c. 365 a.C., cf. WILLIAMS 1992, pp. 43-57 ou ainda c. 400 – c. 340 a.C., cf. HNI 2001, pp. 118-119.

3 – AR/ Didracma; mm. min. 19,2; max. 20,9; gr. 7,27. Inv. n. 1924.1179.1

A/ Cabeça de Athena *com elmo ático ornado com grifo, à esq.; cobre-nuca liso.*

R/ UELHTWN no exergo; leão à dir.; acima, a parte inferior de uma coruja voando.

Datação: c. 340- c. 334 a.C. (Período V – Grupo Theta*)*

Cf. SNG ANS 1287-1288; SNG Copenhagen 1540; SNG Delepierre 410; SNG Milano 449 (variante com Q no A/); SNG München 856; Libero Mangieri 1986, 72-74; Williams 1992, 259-260; HNI 2001, 1284.

Como já dito na ficha, a moeda vai colocada neste período somente se aceitarmos a integração do símbolo acima do leão de R/ como uma 'coruja voando'. As letras da legenda apresentam caracteres menores, como aliás aparece também na legenda do n. 1179.14, mas fica difícil associá-las, porque a outra moedinha apresenta *Athena* com elmo frígio ornado com centaura, diferente desta aqui com elmo ático.

4 - AR/ Didracma; mm. min. 21,1; max. 22,9; gr. 5,77. Inv. n. 1924.1179.3

A/ Cabeça de Athena *com elmo ático ornado com grifo, à dir.; atrás da nuca, Q. R/* ΥΕLHTWΠ *no exergo; leão agachado, à dir.; abaixo, entre as patas, Q.*

Datação: c. 340 – c. 334 a.C. (Período V – Grupo Theta*)*

Cf. SNG ANS 1301 e 1303; SNG Copenhagen 1546-1547; SNG Delepierre 411 e 413; SNG Fitzwilliam 659; SNG München 859; Libero Mangieri 1986, 117-118; Williams 1992, 265, 269, 270 (II), 274-276; HNI 2001, 1284.

[42] WILLIAMS 1992, pp. 58-72.
[43] HNI 2001, p. 119.
[44] WILLIAMS 1992, pp. 73-92.
[45] HNI 2001, pp. 119-120.

Embora não pareça forrada, o baixo peso desta moeda combina com o dos exemplares forrados nn.1179.2, 1179.4 e 1179.10. Creio que as duas letras *theta* no A/ e no R/ não deixem dúvidas sobre a atribuição da peça ao chamado *Theta Group* de Williams, cronologicamente colocado no Período V.

5 – AR/ Didracma; mm. min. 19,7; max. 20,5; gr. 6,96. Inv. n. 1924.1179.6

A/ Cabeça de Athena *com elmo ático ornado aparentemente com um grifo, à dir. (o ornamento não é muito distinto); atrás da nuca, X□; cobre-nuca decorado com palmeta.*

R/ UELHTWN no exergo; leão à dir.; acima dele, letra E e uma coruja voando; abaixo, entre as patas, X□.

Datação: c. 340 – c. 334 a.C. (Período V – Grupo Theta*) Cf. SNG ANS 1306; SNG Copenhagen 1545; Libero Mangieri 1986, 126; Williams 1992, 280-283bis; HNI 2001, 1285.*

Tendo em vista que encontramos neste exemplar, ao mesmo tempo, as letras X□ (equivalente às inicias XΔ = *CHΛ*-) no A/, exatamente combinadas com as letras Ξ e X□ no R/, além da palmeta que decora o cobre-nuca do A/, podemos seguramente colocar a nossa moeda no Grupo *Theta* do Período V.

Período VI: Grupo *Kleudoros*, c. 350/340 – c. 320/310 a.C. [44] ou c. 334 – c. 300 a.C. [45]

Este período é denominado segundo o nome individual *Kleudoros*, claramente de um artista-incisor, que assina primeiramente em genitivo sobre o visor da cabeça frontal da deusa *Athena* (cf., e.g., HNI 1295). Além disso, o monograma KLEU (em nexo) [46] que aparece freqüentemente em ambos os lados das

[46] O desenvolvimento KLEU deste monograma é fornecido por KRAAY 1976, p. 199 e por LIBERO MANGIERI 1986, p. 56.
[47] WILLIAMS 1992, pp. 93-123.
[48] HNI 2001, p[52] HNI 2001, p. 121.
[49] WILLIAMS 1992, pp. 124-127.
[50] HNI 2001, p. 121.
[51] WILLIAMS 1992, pp. 128-135.
[52] HNI 2001, p. 121.
[53] HNI 2001, p. 121-122; CANTILENA 2006, p. 445-450.

moedas do período, atrás da nuca do A/ e sob o leão de R/, seguramente também pertencia ao mesmo gravador. No R/ existe freqüentemente a adição das contra-marcas Q, F e A. Estas marcas são consideradas pelo Williams como iniciais de oficiais encarregados do controle da seriação ou magistrados, dado que se alternam. O étnico geralmente tem a mesma forma e posição ou seja, UELHTWN, no exergo do R/, como no Período V. Acrescente-se que as moedas desta *atelier* de *Kleudoros*, juntamente com as que ainda veremos de *Philistion*, estão entre as mais belas dentre as obras de oficinas que cunharam para *Elea*.

6 – AR/ Didracma; mm. min. 20,1; max. 21,8; gr. 7,47. Inv. n. 1924.1179.13

A/ Cabeça de Athena *com elmo frígio ornado com centaura, à esq.; atrás da nuca, monograma KLEU em nexo.*

R/ UELHTWN no exergo; leão à esq., devorando uma presa; abaixo, entre as patas, F. Datação: c. 334 – c. 300 a.C. (Período VI – Grupo Kleudoros*)*

Cf. SNG ANS 1339-1342; SNG Copenhagen 1568-1569; SNG Delepierre 428; SNG Fitzwilliam 676-678; SNG Milano 466-467; SNG München 868-872; Libero Mangieri 1986, 154; Williams 1992, 338, 343, 345, 349, 352, 355, 358, etc.; HNI 2001, 1296.

Todos os motivos expostos na ficha anterior colocam este exemplar no *Kleudoros Group*: decoração do elmo e monograma KLE do A/ e a contra-marca F no R/ (que se alterna com A e Q).

7 – AR/ Didracma; mm. min. 20,2; max. 21,7; gr. 7,10. Inv. n. 1924.1179.14

A/ Cabeça de Athena *com elmo frígio ornado com uma centaura, à esq.; atrás da nuca, KLEU em nexo.*

R/ UELHTWN no exergo; leão à esq., devorando uma presa; abaixo dele, entre as patas, F. Datação: c. 334 – c. 300 a.C. (Período VI – Grupo Kleudoros*)*

Cf.: SNG ANS 1339-1342; SNG Copenhagen 1568-1569; SNG Delepierre 428; SNG Fitzwilliam 676-678; SNG Milano 466-467; SNG München 868-872; Libero Mangieri 1986, 154; Williams 1992, 338, 343, 345, 349, 352, 355, 358, etc.; HNI 2001, 1296.

O disco do R/ é ligeiramente descentrado, o que torna o exergo muito amplo. Caracteres menores nas letras da legenda, como já observado no n. 1179.1, mas não podemos associar ambas as moedas visto que na outra o elmo da deusa é ático e decorado com grifo, enquanto o desta é frígio. Também este exemplar eleata deve ser, como os cinco anteriores, colocado no Período VI do Grupo de *Kleudoros*, por todos os motivos já explicados.

8 – AR/ Didracma; mm. min. 20,4; max. 21,6; gr. 7,45. Inv. n. 1924.1179.12 (Fig. 8, A-R)

A/ Cabeça de Athena *com elmo frígio ornado com uma centaura, à esq.; atrás da nuca, monograma KLEU em nexo.*

R/ UELHTWN no exergo; leão à esq., devorando uma presa; abaixo, entre as patas, F. Datação: c. 334 – c. 300 a.C. (Período VI – Grupo Kleudoros*)*

Cf. SNG ANS 1339-1342; SNG Copenhagen 1568-1569; SNG Delepierre 428; SNG Fitzwilliam 676-678; SNG Milano 466-467;
SNG München 868-872; Libero Mangieri 1986, 154; Williams 1992, 338, 343, 345, 349, 352, 355, 358, etc.; HNI 2001, 1296.

A moeda apresenta um pequeno defeito de cunhagem no A/. Todos os motivos expostos nas duas moedas anteriores colocam também este exemplar no grupo de *Kleudoros*. Observo que ainda mais uma vez o R/ mostra a letra F, que se alternou com A e Q. Acrescente-se que esta peça, apesar de ser colocada entre os nn. 338-358 de Williams, apresenta o A/ idêntico, com o mesmo defeito de cunho, de Williams 328 (I), colocada num núcleo imediatamente anterior do mesmo período.

9 – AR/ Didracma; mm. min. 19; max. 19,9; gr. 6,69. Inv. n. 1924.1179.11

A/ Cabeça de Athena*, com elmo frígio ornado com uma centaura, à esq.; atrás da nuca, KLEU em nexo.*

R/ UELHTWN no exergo; leão à esq., devorando uma presa; acima dele, letra A; abaixo, entre as patas, KLEU em nexo.

Datação: c. 334 – c. 300 a.C. (Período VI – Grupo Kleudoros*)*

Cf. SNG ANS 1321 e 1326; SNG Copenhagen 1566-1567; SNG Delepierre 427; SNG Fitzwilliam 669, 671-673; SNG Milano 459-461; SNG München 866; Libero Mangieri 1986, 150; Williams 1992, 339, 344, 351 ou 353; HNI 2001, 1296.

Aqui, além do elmo frígio de *Athena* ornado com centaura que coloca esta moeda no Grupo de *Kleudoros*, temos ainda a confirmação com as próprias inicias KLEU do gravador ou incisor, no A/ e no R/, além da característica contra-marca A no R/ (que se alterna com Q e F).

10 – AR/ Didracma; mm. min. 20; max. 21,1; gr. 7,06. Inv. n. 1924.1179.16

A/ Cabeça de Athena *com elmo frígio ornado com centaura, à esq.; atrás da nuca, KLEU em nexo.*

R/ [U]ELHTW[N] no exergo, muito apagada; leão à esq., devorando uma presa; acima dele, letra A; abaixo, entre as patas, KLEU em nexo.

Datação: c. 334 – c. 300 a.C. (Período VI – Grupo Kleudoros*)*

Cf. SNG ANS 1321 e 1326; SNG Copenhagen 1563; SNG Delepierre 427; SNG Fitzwilliam 670; SNG Milano 459-461; SNG München 866; Libero Mangieri 1986, 150; Williams 1992, 339, 344, 351 ou 353; HNI 2001, 1296.

[49] WILLIAMS 1992, pp. 124-127.

Mais uma vez está presente o monograma KLEU, iniciais do nome individual do incisor *Kleudoros*, que denomina o Grupo. Todos os outros motivos como elmo frígio, centaura, leão com presa, já foram comentados nas fichas anteriores. Observo aqui, como novidade, um L que pode alternar-se com F em alguns exemplares.

11 – AR / Didracma, mas forrado; mm. min. 20,6; max. 22,5; gr. 5,72. Inv. n. 1924.1179.10

A/ Cabeça de Athena*, com elmo frígio ornado com uma centaura, à esq. R/ [UE]L[HTWN], quase totalmente apagada; leão à esq., devorando uma presa; entre as patas, letra A.*

Datação: c. 334 – c. 300 a.C. (Período VI – Grupo Kleudoros*)*

Cf. SNG ANS 1347, 1349 e 1350; SNG Copenhagen 1566-1567; SNG Milano 468-469; SNG München 867; Libero Mangieri 1986, 153; Williams 1992, 356-357; HNI 2001, 1296.

O exemplar apresenta, no centro do A/, uma leve corrosão característica da moeda forrada. Por um lado, temos no A/ o elmo frígio da deusa ornado com centaura, e por outro, no R/, a letra A - que se alterna com Q e F no *Kleudoros Group*; além disso, o leão não aparece sozinho, mas devorando uma presa. Por tudo isso creio que não restem dúvidas sobre a sua pertinência a este período.

12 – AR/ Didracma; mm. min. 19,9; max. 21,4; gr. 7,29. Inv. n. 1924.1179.9 (Fig. 12, A-R)

A/ Cabeça de Athena*, com elmo ático ornado com coroa de folhas e frutos de oliveira, à esq.; atrás da nuca, monograma KLEU em nexo.*

R/ UELHTWN, vestígios da parte superior, muito apagada, no exergo; leão retrospiciente em pé, à esq., tendo sob as patas anteriores uma cabeça de carneiro; abaixo dele, entre as patas, KLEU em nexo.

Datação: c. 334 – c. 300 a.C. (Período VI – Grupo Kleudoros*)*

Cf. SNG ANS 1317; SNG Copenhagen 1570; SNG Delepierre 415 (variante com QE no A/); SNG Milano 471; Libero Mangieri 1986, 144; Williams 1992, 377-378; HNI 2001, 1297.

Nesta moeda aparecem, em ambos os lados, as iniciais KLEU que constam regularmente nas moedas do *Kleudoros Group*, mais especificamente no sub-grupo que apresenta *Athena* com elmo ático decorado com coroa (cf. HNI 1297 e Williams 1992, 377-78). Corrobora seguramente com esta afirmação, o leão do R/ que aparece diferente, olhando para trás (retrospiciente), com a cabeça de carneiro entre as patas dianteiras.

Período VII: Grupo *Philistion*, c. 305/304 – c. 293/290 a.C. [47] ou c. 300 – c. 280 a.C. [48]

Obviamente este é o maior grupamento de moedas de *Elea*, caracterizado pelo nome individual *Philistion*, que assina esta esplêndida composição, sob a cimieira da deusa *Athena* do A/. É ainda marca freqüente a inicial F combinada às inicias A e G/P no A/, sendo estas, por sua vez, combinadas a F e determinados símbolos no R/ (delfim e cacho de uvas nos nossos casos). Dado que neste *atelier* de *Philistion* havia muitos artesãos (e prova disto é a imensa variedade de cunhos), Williams quer ver nestas letras F, A e G/P do A/ um oficial ou mestre da oficina, que estabelecia as regras iconográficas para seus assistentes, tendo ainda em vista que estas moedas tem muitas variantes, seja na tipologia e na decoração do elmo de A/, seja nas poses do leão de R/.

13 – AR/ Didracma; mm. min. 19,9; max. 21,4; gr. 7,40. Inv. n. 1924.1179.15 (Fig. 13, A-R)

A/ Cabeça de Athena *com elmo coríntio ornado com uma quadriga, à dir.; sob a cimieira, a assinatura ILISTIWNOS; na frente do elmo, uma cabeça de serpente; longos brincos;*

contorno perolado.

R/ UELHTWN no exergo; leão em pé à esq., segura uma lança ou uma espada entre a mandíbula e a pata dir.; acima dele, uma Nike *em vôo à esq. com coroa e F[I]; no exergo, três ondas em forma de crista.*

Datação: c. 300 – c. 280 a.C. (Período VII – Grupo Philistion*)*

Cf. SNG ANS 1358 e 1359; SNG Copenhagen 1573 (variante com símbolo 'Dióscuros' no R/, acima do leão); SNG Fitzwilliam 679; SNG München 875; Libero Mangieri 1986, 164-165; Williams 1992, 406-408; HNI 2001, 1303.

O cunho de A/ é descentrado. No A/, além do elmo coríntio de *Athena* ornado com quadriga, é claramente legível a assinatura por extenso do incisor, o próprio *Philistion*, sob a cimieira do elmo. O leão também aparece de maneira diferente, desta vez com lança ou espada, e tendo acima a *Nike* com coroa, sinais que o distinguem dos outros períodos. No R/ repete-se ainda a inicial F do artesão.

14 - AR / Didracma, mas forrado; mm. min. 19,4; max. 21,9; gr. 6,39. Inv. n. 1924.1179.4

A/ Cabeça de Athena *com elmo ático ornado com um grifo, à dir.; atrás da nuca, letra A; no campo à dir., F; abaixo do pescoço, um outro sinal, em forma de vírgula.*

R/ UELHTWN no exergo; leão à dir.; acima dele um delfim, à dir. e um F.

Datação: c. 300 – c. 280 a.C. (Período VII – Grupo Philistion*)*

Cf. SNG ANS 1375-1378; SNG Copenhagen 1579; SNG Delepierre 419-420; SNG Evelpidis 307; SNG Fitzwilliam 686; SNG Milano 480; SNG München 881-883; Libero Mangieri 1986, 174; Williams 1992, 441-462; HNI 2001, 1307.

O exemplar apresenta, no centro do A/, uma leve corrosão, como já dito antes característica de moeda forrada. A moeda foi colocada neste período e grupo somente pelo símbolo do 'delfim' que aparece no R/, combinados com o elmo ático ornado com grifo e as letras A e F do A/.

15 – AR/ Didracma; mm. min. 21,4; max. 22,1; gr. 7,10. Inv. n. 1924.1179.5 (Fig. 15, A-R)

A/ Cabeça de Athena *com elmo ático alado, ornado com uma coroa de louros, à dir.; atrás da nuca, F; acima da testa, G ou P.*

R/ UE[L]HTWN no exergo; leão à dir.; acima dele, letra F e um cacho de uvas; acima da sua cabeça, um L.

Datação: c. 300 – c. 280 a.C. (Período VII – Grupo Philistion*)*

Cf. SNG ANS 1384; SNG Copenhagen 1575; Libero Mangieri 1986, 178 (variante com I no R/); Willliams 1992, 492-498; HNI 2001, 1311.

A moeda apresenta no R/ o símbolo do 'cacho de uvas' que é associado ao elmo ático com coroa de louros, e ainda às letras F, G/P do A/, sendo assim não teria dúvidas em colocar este exemplar no chamado 'Grupo de *Philistion*'. Williams (p. 100) vê no A/ desta série uma letra G, mas a equipe de HNI (2001, 1311) e SNG Copenhagen parece preferir um P. Assim sendo, no 'Quadro Geral dos Didracmas', coloquei as duas opções com um ponto de interrogação (G / P ?).

Período VIII: Grupo *Caduceus-Fulmen*, c. 293/290 – 280 a.C. [49] ou c. 280 a.C. [50]

Naturalmente o período é caracterizado pela presença, no nosso caso, de um símbolo, o *caduceus* (isto é, o cajado do deus *Hermes*, mas poderia ser um raio, por isso o Latim *fulmen*), acima do leão do R/ . No A/ as assinaturas AP (em nexo) e F são uma constante, e como sempre seria possível pensar no artista que executou a incisão do cunho e na oficina, tendo em vista que ambas estão à altura da nuca.

16 – AR / Didracma, mas forrado; mm. min. 20,3; max. 22,2; gr. 5,03. Inv. n. 1924.1179.2

A/ Cabeça de Athena *com elmo ático ornado com grifo, à esq.; no cobre-nuca, um F; atrás da nuca, monograma AP.*

R/ UELHTWN no exergo; leão à dir.; acima dele, um caduceus.

Datação: c. 280 a.C. (Período VIII – Grupo Caduceus-Fulmen*)*

Cf. SNG ANS 1391, 1394-1396; SNG Copenhagen 1586; SNG Delepierre 425; SNG Fitzwilliam 691; SNG Milano 490-492; SNG München 890-891; Libero Mangieri 1986, 134-136; Williams 1992, 515-539; HNI 2001, 1316.

O exemplar apresenta, no centro do disco de A/, a corrosão típica das moedas forradas. Os confrontos são óbvios, devido à presença do símbolo *caduceus* no R/, combinado com a letra F e monograma AP do A/.

17 – AR/ Didracma; mm. min. 19,9; max. 21,5; gr. 7,18. Inv. n. 1924.1179.7

A/ Cabeça de Athena *com elmo ático ornado com grifo, à esq.; no cobre-nuca, letra F; atrás da nuca, monograma AP.*

R/ [U]ELHTWN no exergo; leão à dir.; acima dele, um caduceus.

Datação: c. 280 a.C. (Grupo VIII – Grupo Caduceus-Fulmen*)*

Cf. SNG ANS 1391; 1394-1396; SNG Copenhagen 1586; SNG Delepierre 425; SNG Fitzwilliam 691; SNG Milano 490-492; SNG München 890-891; Libero Mangieri 1986, 134-136; Williams 1992, 515-539; HNI 2001, 1316.

[50] HNI 2001, p. 121.
[51] WILLIAMS 1992, pp. 128-135.
[52] HNI 2001, p. 121.
[53] HNI 2001, p. 121-122; CANTILENA 2006, p. 445-450.

O exemplar apresenta dois furos cegos no A/, e outros três no R/. A moeda mostra no A/ a letra F e monograma AP, que bem se combinariam a um símbolo do R/, ou um *caduceus* (Período VIII – Grupo *Caduceus-Fulmen*).

Período IX: Grupo Leão-e-Cervo, c. 290 – 280/275 a.C. [51] ou c. 280 a.C. [52]

O último grupo aqui presente é especificamente caracterizado pelo leão do R/ que não aparece sozinho, mas atacando um cervo, que aparece de corpo inteiro. Esta iconografia se combina com as letras IE, F e A do A/. Williams pensa que IE seja a inicial da oficina, pois se encontra na altura da nuca, enquanto A seria a inicial do magistrado, dado que esta última letra aparece no alto, na altura da testa da deusa. O étnico, não visível no nosso exemplar, teria sido colocado em torno da borda da moeda.

18 – AR/ Didracma; mm. min. 19,5; max. 21,1; gr. 7,01. Inv. n. 1924.1179.8 (Fig. 18, A-R)

A/ Cabeça de Athena *com elmo ático ornado com um grifo, à esq.; atrás da nuca, letras IE dentro de um quadrado; acima da testa, letra A; cobre-nuca ornado com palmeta.*

R/ [UELHTWN] não visível no alto à dir.; leão devorando um cervo à esq.

Datação: c. 280 a.C. (Período IX – Grupo Leão-e-Cervo*)*

Cf. SNG ANS 1398-1406; SNG Copenhagen 1592 (variante com letra I); SNG Delepierre 408; SNG Fitzwilliam 694-695; SNG Milano 494; SNG München 894-895; Libero Mangieri 1986, 132 (variante com L no A/); Williams 1992, 541-584; HNI 2001, 1318.

A legenda não é visível porque o disco do R/ é descentrado. No R/ é figurado um leão que devora um cervo, representação que aparece justamente no Período IX, chamado *Lion-and-Stag Group* por Williams; esta iconografia combina perfeitamente com as letras IE e A, que aparecem no A/ dos exemplares da referida fase.

Cunhagem em bronze: IV-II séc. a.C. [53]

19 - AE; mm. min. 10,9; max. 11,3; gr. 1,51. Inv. n. 1924.1180.2

A/ Cabeça de Zeus *à dir.*

R/ [UELH], se existia, abaixo; coruja de frente com asas abertas; contorno perolado.

Datação: início do III séc. a.C.

Cf. SNG ANS 1424-1429 (principalmente esta última, pelo peso); SNG Copenhagen 1603 (pelos tipos), mas 1605 (pelo peso); SNG Evelpidis 310 (mas gr. 2,40); SNG Milano 505-507 (pelos pesos); SNG München, 907; Libero Mangieri 1986, 210-212 (pelo peso); HNI 2001, 1331.

Este é o único exemplar em bronze da nossa coleção, datado por HNI, de maneira geral, entre o IV e o II séc. a.C., mas preferimos colocá-la entre IV e início do III séc. a.C., pelos motivos já explicados no final da seção *II – Iconografia dos Tipos*. Naturalmente a cabeça de *Zeus* aqui representada deve estar ligada ao culto da divindade na *polis*, assim como a coruja, como já vimos antes, está ligada ao culto da deusa *Athena*.

Bibliografia

CANTILENA, R. **Monete della Campania antica**. Napoli: Banca di Napoli, 1988.

CANTILENA, R. La monetazione di Elea e le vicende storiche della città: limiti e contributi della documentazione numismatica. *In*: **Velia. Atti del quarantecinquesimo convegno di studi sulla Magna Grecia** (Taranto-Marina di Ascea, 21-25 settembre 2005), Taranto 2006, pp. 435 e 437.

GRECO, E. **Magna Grecia**. Bari: Laterza, 1981.

GRECO, E. **Archeologia della Magna Grecia**. Bari: Laterza, 1992.

GUZZO, P.G. **Le città scomparse della Magna Grecia**. Roma: Newton Compton, 1982.

HEAD, B.V.-HILL, G.F.-MAC DONALD, G.-WROTH, W. **Historia Numorum. A Manual of Greek Numismatics**. Oxford: Claredon Press, 1911.

RUTTER, N.K. (Principal Editor)-BURNETT, A.M.-CRAWFORD, M.H.- JOHNSTON, A.E.M.-JESSOP PRICE, M.. **Historia Numorum. Italy**. London: The British Museum Press, 2001.

JAMESON, R. **R. Jameson's Collection. Monnaies Grecques Antiques**. I-II. Paris: Feuardent Frères, 1913.

KRAAY, C.M. **Archaic and Classical Greek Coins**. London: Methuen & Co., 1976.

KRAAY, C.M.-HIRMER, M. (Photographs). **Greek Coins**. New York: Harry N. Abrams Inc., 1987.

LIBERO MANGIERI, G. *Velia e la sua monetazione*. Lugano: Arte e Moneta, 1986.

MAGALHÃES, M.M. Moedas de *Neapolis* no Museu Histórico Nacional: iconografia e epigrafia monetária. In: **Boletim da Sociedade Numismática Brasileira** n. 60, 2007-A, pp. 5-28.

MAGALHÃES, M.M. Arte itálica em moedas Campanas do Museu Histórico Nacional: *Allifae* e *Phistelia*. In: **Phoînix. Revista do Laboratório de História Antiga**. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), n. 13, 2007-B, pp. 227-237.

MAGALHÃES, M.M. Le monete della Campania nella collezione del Museo Storico Nazionale di Rio de Janeiro. In: **Oebalus. Studi sulla Campania nell'Antichità**. Roma 2008, pp. 7-47.

RUTTER, N.K. **Campanian Coinages 475-380 BC.** Edinburgh: University Press, 1979.

RUTTER, N.K. **Greek Coinages of Southern Italy and Sicily**. London: Spink, 1997.

RUTTER, N.K. La monetazione di Velia. In: **La monetazione dei Focei in Occidente**. Atti dell'XI Convegno del Centro Internazionale di Studi Numismatici (Napoli, 25-27 ottobre 1996), Roma 2002, pp. 167-183.

SEAR, D.R. **Greek Coins and their Values. I: Europe**. London: Spink & So Ltd., 2002.
SNG ANS = **Sylloge Nummorum Graecorum**. **The Collection of the American Numismatic Society. Part 2: Lucania**. New York: The American Numismatic Society, 1972.

SNG Copenhagen = **Sylloge Nummorum Graecorum. The Royal Collection of Coins and Medals. Danish National Museum. Volume One: Italy – Sicily**, New Jersey 1981.

SNG Delepierre = **Sylloge Nummorum Graecorum. France. Bibliothèque Nationale. Cabinet des Médailles, Collection Jean et Marie Delepierre**. Paris: Bibliothèque Nationale, 1983.

SNG Evelpidis = **Sylloge Nummorum Graecorum Grèce. Collection Réna H. Evelpidis, Athènes. Première partie: Italie – Sicile – Thrace**. Louvain: Imprimerie Orientaliste, 1970.

SNG Fitzwilliam = **Sylloge Nummorum Graecorum. Fitzwilliam Museum: Leake and General Collections. Volume IV, Part I: Spain (Emporiae, Rhoda) – Italy**. London: Oxford University Press, 1972.

SNG Milano = **Sylloge Nummorum Graecorum. Italia, Milano. Civiche Raccolte Numismatiche. Volume IV – 1. Lucania**. Milano: Ennerre, 1997.

SNG München = **Sylloge Nummorum Graecorum, Deutschland, Staatliche Münzsammlung München, 3 Heft, Kalabrien – Lukanien**. Berlin: Mann Verlag, 1973.

STAZIO, A. Moneta e scambi in Magna Grecia. In: PUGLIESE CARRATELLI, G. (Dir.) **Megale Hellas. Storia e civiltà della Magna Grecia**. Milano: Credito Italiano, 1983, pp. 104-169.

WILLIAMS, R.T. **The Silver Coinage of 'Velia'**. London: Royal Numismatic Society, 1992.

Quadro Geral dos Didracmas de Hyele-Elea-Velia

Marici Martins Magalhães

A/ Cabeça de *Athena* com elmo **R/ Leão; no exergo** UELHTWN **Geral**

N.	Lado	Tipo Elmo	Decoração Elmo	Letras/ Nomes	Lado	Tipo Leão	Letras	Símbolo	Peso gr.	Período/ Datação a.C.
03	à e.	ático	grifo		à d.	em repouso, sozinho		Coruja (acima)	7,27	V: 340-334
04	à d.	ático	grifo	Θ (atrás nuca)	à d.	meio agachado	Θ (entre patas)		5,77 forrado?	V: 340-334
05	à d.	ático	grifo	X (atrás nuca)	à d.	em repouso, sozinho	Σ (acima) X (entre patas)	Coruja (acima)	6,96	V: 340-334
06	à e.	frígio	centaura	ΚΛΣΨ (atrás nuca)	à e.	devorando presa	Φ (entre patas)		7,47	VI: 334-300
07	à e.	frígio	centaura	ΚΛΣΨ (atrás nuca)	à e.	devorando presa	Φ (entre patas)		7,10	VI: 334-300
08	à e.	frígio	centaura	ΚΛΣΨ (atrás nuca)	à e.	devorando presa	Φ (entre patas)		7,45	VI: 334-300
09	à e.	frígio	centaura	ΚΛΣΨ (atrás nuca)	à e.	devorando presa	A (acima) ΚΛΣΨ (entre patas)		6,69	VI: 334-300
10	à e.	frígio	centaura	ΚΛΣΨ (atrás nuca)	à e.	devorando presa	A (acima) ΚΛΣΨ (entre patas)		7,06	VI: 334-300
11	à e.	frígio	centaura		à e.	devorando presa	A (entre patas)		5,72 forrado	VI: 334-300
12	à e.	ático	coroa folhas+frutos oliveira	ΚΛΣΨ (atrás nuca)	à e.	retrospiciente devorando cabeça	ΚΛΣΨ (entre patas)		7,29	VI: 334-300
13	à d.	coríntio	quadriga	ΦΙΛΙΣΤΩΝΟΣ (sobre cimieira)	à e.	segurando lança entre mandíbola e patas	Φ (acima) ondas (entre patas)	*Nike* em vôo (acima)	7,40	VII: 300-280
14	à d.	ático	grifo	Φ (campo dir.) A (atrás nuca)	à d.	em repouso, sozinho	Φ (acima)	Delfim (acima)	6,39 forrado	VII: 300-280
15	à d.	ático	coroa louros alada	Φ (atrás nuca) Γ/Π?(acima testa)	à d.	em repouso, sozinho	Φ (acima) Λ(acima cabeça)	Cacho de uvas (acima)	7,10	VII: 300-280
16	à e.	ático	grifo	Φ (cobre-nuca) AP (atrás nuca)	à d.	em repouso, sozinho		*caduceus* (acima)	5,03 forrado	VIII: 280
17	à e.	ático	grifo	Φ (cobre-nuca) AP (atrás nuca)	à d.	em repouso, sozinho		*caduceus* (acima)	7,18	VIII: 280
18	à e.	ático	grifo	A (acima testa) IE (atrás nuca)	à e.	devorando cervo			7,01	IX: 280

Coleção da Biblioteca Dr. Milton Soldani Afonso: uma proposta pedagógica

Vagner Carvalheiro Porto[1]

O presente artigo pretende apresentar para a comunidade nimismática a Coleção Notória da Biblioteca Dr. Milton Soldani Afonso da Universidade de Santo Amaro – Unisa. Também é objeto de estudo desse trabalho mostrar as propostas para uso pedagógico da Coleção Notória da Unisa baseadas no uso de tecnologia 3D, seja para a confecção de catálogo digital, confecção de filme com tecnologia 3D para apresentação do acervo, manipulação das moedas virtuais por visitantes com óculos especiais e para a confecção de jogo interativo.

Mas, antes de tudo, devo agradecer ao Dr. Milton Soldani Afonso pela confiança a nós dedicada. Pela atenção que sempre deu à Coleção Notória, pelas doações de peças e pelos catálogos numismáticos que muito auxiliaram em nosso trabalho. Agradeço também a Profa. Livre Docente Maria Beatriz Borba Florenzano pelos sempre imprescindíveis ensinamentos. À Profa. Msc. Silvia Cristina Domingos de Oliveira, Coordenadora das Bibliotecas da Universidade de Santo Amaro pelo importante suporte e ao Prof. Msc. Claudiney Sanches Júnior, Coordenador do Laboratório Multimídia, sem o qual todo o projeto de trabalho com tecnologia 3D jamais teria acontecido.

Histórico da Biblioteca Dr. Milton Soldani Afonso

A Coleção Notória da Biblioteca Dr. Milton Soldani Afonso iniciou-se a partir da coleção particular do chanceler da Universidade de Santo Amaro – UNISA, o Dr. Milton Soldani Afonso. Hoje, a Coleção Notória da UNISA é um importante expoente em se tratando de Arte Numismática, sendo conhecida e reconhecida em diversos centros acadêmicos do país.

No presente trabalho se estuda a coleção de moedas pertencentes à Coleção Notória da Biblioteca Dr. Milton Soldani Afonso, da Universidade de Santo Amaro – São Paulo – Brasil.

[1] Doutor em Arqueologia com especialidade em Numismática pela USP. Coordenador e professor do *Lato Sensu* em Arqueologia pela Universidade de Santo Amaro. Curador da Coleção de moedas, artefatos antigos, livros e bíblias raras da Universidade de Santo Amaro e Consultor numismático do Itaú Cultural.

Todavia se faz necessária uma apresentação do histórico da Biblioteca e de seu patrono.

Fundada no dia 27 de junho de 1968, a Biblioteca Dr. Milton Soldani Afonso nasceu a partir de uma importante doação realizada pela Casa Squibb. Com o decorrer do tempo, a biblioteca adquiriu novas dimenções e distribuiu seus serviços em três grandes centros: Centro de Ciências Biológicas e de Saúde; Centro de Ciências Humanas e Sociais; e Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas. Em 1994, com a transição de Faculdade para Universidade se iniciou a modernização da biblioteca, colocando-se a disposição da Universidade mecanismos mais ágeis e também mais avançados que auxiliam a educação, a pesquisa e os cursos de extensão, introduzindo ao meio o acesso livre ao conhecimento.

A expansão da Universidade em 1997, em duas grandes unidades: Biológicas e Saúde no Campus I, e Humanas, Sociais, Tecnológicas e Exatas no Campus II, trouxe à biblioteca novos desafios, serviços e coleções dirigidas as áreas específicas do conhecimento.

Em 2000, foi construída uma biblioteca que valoriza o capital humano. São integrados ao espaço, serviços, coleções, estética e funcionalidade, donde a qualidade e o conforto para o estudo e a pesquisa são os principais aspectos da Biblioteca Dr. Milton Soldani Afonso.

Todos os esforços para construir uma rica e sobressalente biblioteca seriam inúteis se a pessoa do Dr. Milton Soldani não estivesse implicada. Nascido em 12 de Dezembro de 1921, Nova Lima, Minas Gerais, Brasil, o Dr. Milton Soldani Alfonso construiu sua vida com a decisão de desenvolver projetos sociais e comunitários, e hoje, a realidade é que muitas de suas ações atestam sua trajetória, entre elas está a Universidade de Santo Amaro – UNISA.

Depois de terminar seus estudos no Colégio Adventista Brasileiro, entrou na universidade e em 1948 formou-se advogado. Trabalhou junto a empresas, oferecendo orientações trabalhista, fiscal e tributária, até 1951. Desde então, iniciou uma carreira de êxito empresarial e de grande conciência humanista.

Por meio da editora Legislação Federal, da qual foi o fundador, Milton Soldani Afonso publicou trabalhos técnico-jurídicos na área de Direito Tributário e Fiscal, contribuindo para a divulgação de conhecimentos fundamentais ao bom desempenho dos profissionais

nesta área. Com o mesmo dinamismo e elevado espírito público, foi presidente de importantes organizações .

Entre seus projetos existem importantes agentes de promoção social, como escolas, creches e orfanatos, estendidos por todo o território brasileiro, e pela instalação de dezenas de unidades de assistência hospitalar (médico-odontológica) em regiões carentes. Foi este homem que com sua bondade e entendimentos cultural e humanitário proporcionou à Biblioteca da Universidade de Santo Amaro – UNISA uma coleção de moedas antigas, artefatos em cerâmica e livros e bíblias raras.

A coleção numismática e suas implicações pedagógicas

Em setembro de 2003 ao participar do XIII Congresso Internacional de Numismática em Madrid, com a comunicação *La utilización pedagógica de los acervos numismáticos de las Universidades particulares en Brasil*, idealizava um projeto para transformar todo o potencial da Coleção Notória da UNISA em objeto de ludicidade. Neste mesmo Congresso, depois de assistir à comunicação da Profa. Paola Giovetti do Museu Cívico Arqueológico de Bolonha e de uma posterior conversa com Giovetti, percebi que estava no caminho certo e que vincular a Coleção Notória à Computação seria um excelente caminho para atingir o interesse dos jovens visitantes.

O ano de 2004 foi de organização do Acervo, catalogação das peças e início de um diálogo com o Laboratório Multimídia na pessoa do Prof. Claudiney Sanches. Ao tomar conhecimento de nossas idéias, o Prof. Claudiney Sanches apresentou as possiblidades de inovar ainda mais e desenvolver um projeto que conseguisse transformar a Coleção Notória em um Museu virtual com tecnologia 3D (terceira dimensão).

Em 2005, teve início, no segundo semestre, o projeto conjunto com o Laboratório Multimídia com a intenção de criar uma interação entre o Museu e a computação. As possibilidades foram analisadas e algumas frentes de trabalho foram criadas.

A prática de Universidades Particulares no Brasil de possuir un acervo numismático é quase inexistente. Assim, a Universidade de Santo Amaro – Unisa em um ato de grande iniciativa dá um salto de qualidade no tocante ao universo das Universidades particulares em nosso país.

Das pouco mais de 1390 peças do acervo, 250 moedas foram escolhidas para se iniciar o trabalho. Realizou-se o tratamento de 500 imagens (sendo 250 imagens de anverso e 250 imagens de reverso) para o catálogo escrito. Foram desenvolvidas páginas com informações das moedas para disponibilizar na Internet. Foi realizado trabalho para colocar as imagens e informações trabalhadas em um computador com tela de toque (touch screen), para ficar na área da exposição. Foram iniciados os trabalhos para criação de filme com tecnologia 3D para apresentação do acervo. Foi desenvolvida tecnologia 3D para manipulação das moedas virtuais por visitantes que deverão utilizar óculos especiais. Foi iniciada a confecção de jogo interativo, no qual o visitante possa 'brincar' em um cenário do Império romano, caminhando pelo subsolo de uma escavação arqueológica e encontrando desafios que só serão solucionados mediante resposta correta de questões que dizem respeito às moedas. Todas essas atividades propostas para serem trabalhadas entre 2006 e 2007.

A diversidade de peças do acervo com moedas que vão desde os primeiros sistemas de troca utilizados pela humanidade, passando pelas primeiras moedas cunhadas na Lídia, as dracmas gregas, os denários romanos, até as moedas bizantinas e medievais, assim como as raras moedas de teor religioso são seu ponto mais destacável. Também devemos destacar as peças em cerâmica egípcias, sumérias, babilônicas, hititas, entre outras que podem ser vistas ao visitar nossa exposição. Entretanto, as peças em cerâmica são um tema para um próximo encontro.

Nosso intento principal é expor as possibilidades de utilização pedagógica de um acervo numismático integrando-o com as disciplinas do curso de História, principalmente a História Antiga, com os demais cursos das humanidades e com o curso de Pós-graduação em Arqueologia, ambos sendo uma nova e rica experiência da Universidade de Santo Amaro.

A organização e a numeração das peças nos expositores inicia-se com as Moedas Antigas e suas subdivisões – Moedas emitidas na Lídia (que teve tal destaque por ter sido ali que se iniciaram as cunhagens pelos gregos das primeiras moedas metálicas); moedas das cidades do Oriente Próximo; do Oriente Médio; das cidades gregas; do Período Helenístico; e das moedas romanas.

Sobre as moedas romanas, devido a grande subdivisão que há, organizamos da seguinte maneira: Primeiro as moedas republicanas,

depois as moedas produzidas durante o Triunvirato, as moedas do Império e por último as moedas emitidas no período Bizantino.

As moedas do período imperial foram relacionadas dentro das grandes dinastias imperiais: Família Julio-Claudiana, Família Flaviana, Família Antonina, Família Severiana, Período de Anarquia Militar – Imperadores Usurpadores, Tetrarquia, e por último a Família dos Constantinos.

Na seqüência relacionamos as moedas e medalhas Bíblicas. São moedas de várias procedências que têm em comum o fato de terem sido emitidas no período ou na terra de Jesus Cristo, de fazer referência a Cristo ou a Bíblia. Logo em seguida são apresentadas as moedas Contemporâneas, as Medalhas, e as Moedas Exóticas.

Os textos dos expositores apresentam o título da moeda com um pequeno texto explicativo da história da cidade, do rei ou da própria produção daquela moeda. Depois há uma imagem da moeda com anverso e reverso com fundo em preto para dar maior destaque à moeda. É apresentado o número da moeda no expositor (as moedas estão agrupadas de modo cronológico e geográfico, assim, os intervalos numéricos às vezes observados entre as moedas, representam o espaço que foi deixado para a introdução de novas moedas nos seus respectivos grupos dentro do expositor); a denominação da moeda; o metal; a autoridade emissora; o local da emissão da moeda; a data da emissão ou do governo emissor; e as informações do anverso e do reverso da moeda.

A Coleção Notória da Unisa no contexto dos museus monetários

Os museus monetários e bancários podem dividir-se em três grupos principais. O primeiro é constituído por coleções numismáticas públicas regionais ou nacionais e aqueles que são formados pelos museus que pertencem ou estão vinculados de uma maneira ou outra a uma empresa de fabricação de notas ou de moeda metálica. O segundo é formado por museus que pertencem ou estão conectados com os bancos comerciais ou nacionais. O terceiro grupo é formado pelas coleções particulares, agrupadas ou não em associações.

Estes três grupos são constituídos em sua maioria por especialistas cujo interesse exclusivo são os aspectos numismáticos dos objetos monetários presentes em suas coleções: descrevem as efígies no anverso e no reverso das moedas. Na maior parte estudam suas coleções de moedas e publicam suas conclusões, baseadas no

estudo de milhares de moedas. Centram-se mais na história do dinheiro, dos bancos e da economia em geral. Finalmente, estudam as moedas, medalhas, notas, bônus, etc, desde o ponto de vista de sua fabricação, utilização e destruição.

Também trabalham nessas instituições historiadores, historiadores da arte, economistas, responsáveis pelo setor cultural, museólogos e também diretores de relações públicas e algumas vezes também ex-banqueiros. Em geral, o interesse comum de todos estes profissionais reside nos aspectos museológicos da conservação e da gestão das coleções. Procuram averiguar quem fabricou o objeto e com que finalidade, qual era seu lugar na sociedade da época, de que material é composto e de onde procedia tal material; e qual é a melhor forma de conservá-lo. Outro aspecto importante de seu trabalho é determinar a melhor forma de expor os objetos para que o visitante possa entender não só sua importância numismática como também sua significação em seu contexto original.

Cremos que a coleção numismática Dr. Milton Soldani Afonso da Universidade de Santo Amaro - UNISA compreende essas categorias acima citadas, pois inclue os conteúdos dos três grupos, ou seja, primeiro, temos grande interesse nos aspectos numismáticos dos objetos monetários presentes em nossa coleção; segundo, centramo-nos na história do dinheiro, na história da moeda e da economia em geral; e terceiro, dedicamo-nos aos estudos das moedas e medalhas, desde o ponto de vista de sua fabricação, utilização e destruição. Mas também necessitamos dizer que a Coleção Notória da Unisa tem uma proposta que vai além dos aspectos citados, e é isto que a faz especial em nosso meio: sua utilização pedagógica.

Dentro de nossos propósitos estão as visitas com monitores adequados a apresentar o acervo a pessoas de diferentes idades, níveis de instrução e conhecimento de numismática, enfocando questões como a evolução dos meios de pagamento e de modelo monetário, a iconografía das moedas, seu papel na construção da identidade nacional e as diversas técnicas e metais empregados em sua produção. O visitante pode assistir a vídeos, conferências e fazer pesquisas utilizando uma bibliografia específica, tanto em nossas estantes como em nosso banco de dados. Todas essas ações, gratuitas e apoiadas em uma moderna tecnologia, traduzem o comprometimento com o social, atual preocupação da Universidade de Santo Amaro.

Nosso trabalho consiste em discutir como a moeda, um documento da cultura material, pode transformar-se em uma

ferramenta pedagógica. Assim, uma das contribuições de nosso trabalho é orientar professores das escolas públicas e privadas, possibilitando a eles despertar em seus alunos o interesse por um aprendizado partindo da cultura material, em nosso caso da moeda.

No presente momento estamos trabalhando na atualização do catálogo com as peças de nossa coleção. Para tanto desenvolvemos uma abordagem analítica das moedas que ultrapassa os limites da coleção reunida e permite uma melhor sistematização do conhecimento científico das produções. Neste sentido, a iconografia monetária se confirmou como a abordagem mais rica para o conhecimento do sentido político, econômico, social e cultural que se intenta estudar a partir da moeda. Quando finalizarmos o trabalho de atualização do catálogo ele estará disponível para os visitantes e será incorporado ao trabalho de orientação que fazemos com os professores e com os estudantes.

A Coleção Notória *Dr. Milton Soldani Afonso* não se destaca por sua grande quantidade de moedas (aproximadamente 1390 peças), todavia, algumas de suas moedas são de grande importância e de grande raridade, e é exatamente aí que alcançamos nossos visitantes. Podemos citar as moedas de caráter religioso, como um exemplar do mesmo tipo daquelas trinta moedas aceitas por Judas para trair Jesus (fig. 1). Estas moedas produzidas na cidade de Tiro, Fenícia, apresentam em seu anverso a imagem de Melquart (divindade fenícia associada a Héracles grego) e em seu reverso a figura de uma águia. Falar tanto às crinças quanto aos alunos de graduação sobre esta moeda e sua história, realmente causa grande interesse.

Outra moeda que temos nesse sentido é a que recebe o nome de denário tributo, porque é a moeda a que Jesus Cristo se refiriu quando, discutindo sobre o pagamento dos tributos a Roma, disse a célebre frase: “dá a César o que é de César e a Deus o que é de Deus...” (Mateus 22.19 e Marco 12.15). Cunhada depois do ano 16 d.C. este denário apresenta em seu anverso a cabeça do Imperador Tibério virada para a direita, com uma coroa de louros. O reverso apresenta Lívia (mãe de Tibério e esposa de Augusto) representando a “Pax” sentada para a direita com um cetro e um ramo de oliva (fig. 2). De nenhum modo somente o público religioso aprecia estas moedas, há um evidente interesse por todo o público acadêmico e geral por moedas inseridas nessa temática religiosa da época de Cristo.

Há no Acervo uma das primeiras moedas cunhadas na Lídia (hoje Turquia) em finais do século VII a.C. Estas cunhagens eram de

uma liga nobre conhecida como electrum, uma mescla de ouro e de prata e tinham estampado a imagem de um leão, símbolo que representava a família que produziu tal moeda em seu anverso, e em seu reverso a moeda apresenta uma marca de punção (fig. 3). É importante destacar que essas primeiras moedas foram produzidas por famílias aristocráticas num primeiro momento e que só num segundo momento o Estado se apropriou da prerrogativa de emitir moedas. Quando dizemos a nossos visitantes que essas se tratam das primeiras moedas cunhadas no mundo, notamos um grande deslumbre por parte do público.

Outra moeda que temos em nosso acervo é uma peça muito interessante sobre o contexto da Segunda Revolta dos judeus contra o Império romano (fig. 4). Trata-se de um denário de prata em que o anverso apresenta um cacho de uvas com uma legenda hebraica ao redor. O reverso apresenta uma Lira com a legenda hebraica "PARA A LIBERTADE DE JERUSALÉM" ao redor. Esta moeda tem uma característica especial: está batida muito claramente sobre um denário do Imperador romano Titus. Este Imperador romano foi o responsável pela destruição do templo na primeira rebelião dos judeus contra os romanos, e então sua imagem foi obliterada nesta moneda para ajudar a financiar a segunda rebelião que ocorreu entre 132 e 135 d.C.

Também pode ser vista em nosso acervo a famosa coruja ateniense (fig. 5), raras moedas de ouro de Felipe II rei da Macedônia (fig. 6) e moedas de seu filho Alexandre, o Grande (fig. 7). Os jovens se empolgam com as curiosidades. Como por exemplo, a moeda cunhada na Trácia por seu rei Lisímaco, que apresenta Alexandre com um chifre com a finalidade de representar seu caráter divino (fig. 8).

Para desenvolvermos um estudo iconográfico da moeda, comumente valemo-nos de alguns exemplares. Dedico minha atenção a dois deles agora. O primeiro trata-se de um denário de prata cunhado pelo Imperador Romano Comodus (177 – 192 d.C.), ele apresenta em seu anverso a cabeça de Comodus para a direita, e em seu reverso apresenta a figura de Comodus como Héracles cumprimentando a personificação da África (fig. 9). O que poderia significar isso? A primeira questão que devemos levantar é: que significa o Imperador Comodus personificado como Héracles? A resposta caminha no sentido de que Héracles foi un herói civilizador, destruidor de terríveis monstros e de todos os males (recordemos que na mitologia grega Héracles é o herói civilizador por natureza). Não temos timpo de prolongar nossa análise, por esse raciocínio,

Comodus pretende aproximar-se dos africanos, com sua amizade.

A outra moeda que fizemos referência é un *solidus*, moeda de ouro cunhada por Justiniano I (fig. 10). Seu anverso apresenta a imagem de Justiniano e seu reverso apresenta a deusa Nike (Vitória) portando en sua mão direita, um cetro e sua mão esquerda um globo com uma cruz. Podemos notar que se trata de uma transição do paganismo para o cristianismo pois temos elementos greco-romanos como a deusa Nike, personificação da Vitória e os atributos cristãos como a cruz. Verificamos assim o avanço da cristianização em meio a uma religiosidade grega e romana. Os elementos presentes nesta moeda nos permitem compreender um pouco mais as questões pertinentes ao momento em que se mesclam as religiões e todos seus entornos.

Pensamos ser de extrema importância a utilização pedagógica de todas estas análises, para despertar uma consciência crítica sobre os visitantes a respeito dos objetos da cultura material, fazendo motivar cada vez mais a presença dos jovens nos acervos. Ensinando o prazer que existe em conhecer através dos acervos: a História, a arte, e por é claro, a moeda.

Conclusão

Procurou-se nessa exposição e nas diversas frentes de trabalho a ela relacionadas considerar não só a descrição de moedas mas também as reflexões que podem e devem surgir a partir da observação dessas moedas. Todos os esforços despendidos para a organização desse trabalho só se materializaram graças ao apoio e a participação das diversas pessoas envolvidas, seja com relação a exposição das moedas em si, seja com relação a algum tipo de ajuda quanto a confecção do catálogo virtual.

As moedas expostas pela Coleção Notória Dr. Milton Soldani Afonso, permitem desenvolver estudos das mais diversas naturezas: estudos de cunho histórico no qual são apresentadas algumas informações sobre povos bem pouco lembrados pela historiografia tradicional como os partas, os trácios ou os povos da Bactria por exemplo.

Também é possível desenvolver estudos sobre a iconografia presente nas moedas, como podemos destacar alguns exemplos linhas acima quando falamos a respeito da iconografia da moeda emitida pelo Imperador Comodus, por exemplo. Estudos de iconografia monetária são hoje bastante desenvolvidos e

contribuem enormemente com o entendimento da propaganda política empreendida pelas autoridades emissoras, com o caráter religioso dos povos que cunharam as moedas e também com aspectos de resistência de povos subjugados por exemplo pelo Império Romano (é o caso das cunhagens da Primeira e Segunda revolta dos judeus contra os romanos).

Estudos sobre as legendas das moedas podem se constituir numa importante ferramenta para aqueles que se propõe a solucionar algumas questões relacionadas à linguagem de povos antigos. As legendas das moedas imperiais romanas, com suas inscrições em latim, ao ser confrontadas com fontes escritas da época podem oferecer respostas às mais insolúveis questões. Também as inscrições em grego ou hebraico podem exprimir formas de pensamento daquele homem grego ou judeu e permitirem a estudiosos da atualidade que ampliem a compreensão de culturas anteriores ou mesmo contemporâneas à época de Cristo.

Estudos sobre os metais e as denominações das moedas permitem reflexões sobre as cidades produtoras, sobre as minas de prata ou qualquer outro metal e sua localização, a relação da produção das moedas com a guerra, questões vinculadas ao valor da moeda, as reformas econômicas e a natureza dessas reformas, e tantas outras questões que podem ser pensadas a partir da observação dos metais e das denominações das moedas.

Partindo da observação das moedas é possível empreender estudos sobre as dinastias reais, sobre as mulheres dos imperadores, sobre os monumentos produzidos pelos governantes, sobre a escravidão, ou sobre quaisquer outros aspectos da cultura deste ou daquele povo.

Vimos bem resumidamente algumas possibilidades de abordagens partindo de observações de elementos da moeda. A numismática não é ainda uma ciência popular e poucas são as pessoas que ao tocar ou olhar para uma moeda conseguem fazer todas essas reflexões que acabamos de expor.

Nosso intuito com a organização e apresentação desse acervo numismático é oferecer um instrumental a mais: tanto para principiantes no mundo da numismática quanto para estudiosos da área. Também é nosso intuito possibilitar ao visitante, partindo de um passeio agradável, um maior crescimento pessoal e intelectual.

ÍNDICE DAS LÂMINAS

1. *Tiro - Fenícia. Tetradracma (*AR*).*
Anverso: deus Fenício Melquart (divinidade fenícia associada a Héracles grego) e em seu reverso a figura de uma águia. (x1).

2. *Denário Tributo (*AR*).Cunhado depois do ano 16 d.C.*
Anverso: Cabeça do Imperador Tibèrio para a direita, com coroa de louros.
Reverso: Lívia (mãe de Tibério e esposa de Augusto) representando a "Pax" sentada para a direita con um cetro e um ramo de oliva. (x1)

3. *Lídia, Rei incerto. Final do século VII a.C. ELECTRUM.*
Anverso: cabeça de leão para a direita.
Reverso: Dois cunhos. (x1)

4. *Judéia. Segunda Revolta (132-135 d.C.). Prata.*
Anverso: cacho de uvas com uma legenda hebraica ao redor.
O reverso apresenta uma Lira com a legenda hebraica "PARA A LIBERTADE DE JERUSALÉM" ao redor. (x1).

5. *Atenas. Tetradracma (*AR*). Século V a..C.*
Anverso: cabeça da deusa Atena com elmo.
Reverso: coruja à direita, AQE. (x1)

6. *Macedônia. Felipe II. 359-336 a.C. Moeda de ouro (1/4 de Stater) Anverso: Cabeça de Felipe com pele de leão à direita. Reverso: FILIPPOU, acima raio; abaixo, arco e clava. (x1).*

7. *Macedônia. Moeda de ouro produzida por Alexandre, o Grande.*
Anverso: *cabeça de Alexandre com elmo à direita.*
Reverso*: deusa Niké (Vitória) com asas abertas à esquerda, portando cetro em sua mão esquerda e ramo de palma em sua maão direita. LEXANDROU. (x1)*

8. *Trácia. Lisímaco 297-281 a .C. Tetradracma* (AR)*.*
*A*nverso*: cabeça de Alexandre, o Grande à direita, com chifres de Amon.*
Reverso: *deusa Atena sentada em trono, à esquerda, portando em sua mão Niké (deusa da vitória), seu escudo e sua lança. LUSIMACOU, à esquerda; BASILEWS, à direita. (x1)*

9. *Imperador romano Comodus. Denário (*AR*)*
Anverso: *Cabeça de Comodus com pele de leão à direita.*
*Re*verso: *Comodus como Héracles felicitando a personificação de África. (x1).*

10. *Imperador romano Justiniano I, 527-565 d.C. Moeda de ouro (*solidus*), Constantinopla. Anverso: busto de Justiniano I. Reverso: deusa Nike alada (Vitória) portando em suas mãos, globo/cruz e cetro. VICTORIA AVG. CCI. CONOB. (x1)*

1. *Vista da entrada do Campus II da Universidade de Santo Amaro – UNISA.*

2. *Vista da Torre com emblema da Unisa e seus jardins.*

3. *Vista panorâmica do interior da Biblioteca Dr. Milton Soldani Afonso.*

4. *Os expositores numismáticos e artefatos de cerâmica, situados na segunda planta da Biblioteca Dr. Milton Soldani Afonso.*

Fotografias: Débora Egídio

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJC *Ancient Jewish Coinage*. 2 vol. Y. Meshorer. New York, 1982.

AMBROSE, T. e PAINE, C.: *Museum Basics*. Londres y Nueva York, 1993.

BARAMKI, D. C. American University of Beirut. *The coin collection of the American University of Beirut Museum: Palestine and Phoenicia*, 1974.

BARCLAY, R.: *Mount-Making for museum objects*, Ottawa, 1998.

BELCHER, M.: *Organización y diseño de exposiciones. Su relación con el Museo,* Gijón, 1991.

BELL, D. W. *Retratos e Propaganda: Faces de Rome*. Providence, Rhode Island, Brown University, 1989.

BMC *Cypros to Palestine*. *A catalogue of The Greek Coins in the British Museum*. Por G. F. Hill. Londres, 1904.

BURNETT, A. *Roman Provincial Coinage*, Londres-Paris, 1992.

CARSON *The Roman Imperial Coinage*. Londres, Spink & Son, 1923.

COSTILHES, A. *O que é numismática*. São Paulo , brasiliense, coleção primeiros passos, n. 147, 1985.

DEAN, D.: *Museum Exhibition: Theory and practice*,- Londres:1996.

FLAVIO JOSEFO *Obras completas*. Introdução e tradução direta do grego de Luis Farré. Buenos Aires, Acervo Cultural, 1961.

FLORENZANO, M. B. B. *Acervos brasileiros de moedas gregas e romanas*. Rio de Janeiro: Sbec/Ufrj, 1995.

FLORENZANO, M. B. B. *Conhecendo as moedas da Grécia Antiga: o projeto Sylloge Nummorum Graecorum*. São Paulo, 2001.

FRÈRE, H. *Numismática. Uma introdução aos métodos e à classificação*. São Paulo. Louvain-la-Neuve, Sociedade Numismática Brasileira, Université Catholique de Louvain, Institut Supérieur d'Archéologie et d'Histoire de l'Art, document de travail n.17, M. B. Florenzano e A. Costilhes (tradução), 1984.

GUICHEN, G. de.: *El clima en los Museos : medición, fichas técnicas*, Lima, 1987.

GRUEBER, H. A.: *Greek Coins in the British Museum*, Londres, 1873-1927.

HENDIN, D. *Guide to Biblical Coins*, 3rd Edition, Amphora, New York, 1996.

HERNANDEZ HERNANDEZ, F.: *Manual de Museología,* Madrid, 1994.

KIPPENBERG, H. G., *Religião e formação de classes na antiga Judéia*, São Paulo, Paulus, 1988.

KORMIKIARI, M. C. *Norte da África autóctone do seculo III ao I a.C.: as imagens monetárias reais berberes*. Tese de doutorado. São paulo, 2000.

LACROIX, L. *Études d'archéologie numismatique*. Universidad de Lion, 1974.

LÉVÊQUE, P. *O mundo helenístico.* Lisboa, Edições 70, 1987.

LIGHT, R. B. *Museum documentation systems: Developments and applications*, -Londres, 1986.

MARQUES, M.G. *Introdução à numismática*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1982.

MESHORER, Y. *Syllogue Nummorum Graecorum: The Collection of the American Numismatic Society, Pt. 6: Palestine – South Arabia*, Londres, 1981.

MESHORER, Y. *A treasury of Jewish Coins*. Jerusalém: Yad Ben-Zvi Press, 2001.

MILES, E. e ZAVALA, L. *El museo y la educación en la comunidad - Towards the museum of the future.* Londres y Nueva York, 1992.

MOMIGLIANO, A. *Os limites da Helenização*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

MONTANER, J. M. *Nuevos museos. Espacios para el arte y la cultura,* Barcelona, 1990.

PASTOR HOMS, M. I. *El museo y la Educación en la Comunidad,* Barcelona, 1992.

PAUL, A. *O judaísmo tardio - história política*, São Paulo, Edições Paulinas, 1983.

PÉREZ, C.: Monnaie du pouvoir. Pouvoir de la monnaie. Une pratique discursive originale: le discours figuratif monétaire (1er s. av. J.-C - 14 ap. J.-C.), *Annales Littéraires de l'Université de Besançon*, 332. Histoire ancienne, vol. 71, Paris, 1986.

PORTA, E.: *Sistema de documentación para Museos*,- Barcelona, 1982.

ROCHA, L. G. e **OLIVEIRA**, S. C. *Biblioteca Dr. Milton Soldani Afonso – Briefing*. São Paulo., 2000.

ROSTOVTZEFF, M. I. *Historia social y económica del Imperio Romano*. Madrid, Espasa-Calpe, 1937.

ROSTOVTZEFF, M. I. *Historia social y económica del mundo helenístico*. Madrid, Espasa-Calpe, 1967.

SAULNIER, C., *A revolta dos Macabeus*, São Paulo, Paulus,1987.

SEAR, D. R.: *Greek Imperial coins and their values***,** Londres, 1982.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL. *O outro lado da moeda*, 2001, Rio de Janeiro, RJ. Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2002.

SNG *ANS* = Syllogue Nummorum Graecorum. *The Collection of the American Numismatic Society*, Parte 6: Palestine – South Arabia. Nova Iorque, 1981.

Arqueologia Clássica e Numismática: O uso das fontes

Claudio Umpierre Carlan

Introdução: **A moeda como fonte Histórica***

Durante muitos anos a moeda tem sendo estudada apenas pelo ponto de vista da ciência econômica. A análise dos historiadores estava retida ao comércio e a moeda como um fator de troca entre as diversas atividades comerciais dos ainda mais diversos povos.

Como é comum em toda sociedade humana, a situação social afeta o discurso e o responsável por sua análise, muitas vezes críticas, desse discurso. Ou seja, a ordem social, sempre está escrita na ordem natural. Com isso, a Crise de 1929, o mundo entre guerras, o fortalecimento dos partidos totalitários, tanto de direita (Nazi-fascismo), quanto de esquerda (socialismo, ou melhor, o *stalinismo soviético*), levou a História seguir pela trilha da economia / sociedade (História Social). A moeda, como qualquer outro documento, era analisada e interpretada segundo esses padrões científicos.

O papel da moeda e da numismática de uma maneira geral, é muito mais emblemático que uma simples atividade econômica. O metal ultrapassa os limites geográficos do poder, definindo a ideologia não só de um povo, mas de toda uma civilização. Desde a década de 1980, a historiadora e arqueóloga Maria Beatriz Florenzano, professora da USP, já defendia a função mágica da moeda na Antigüidade (FLORENZANO: 2002, 34).

Por meio desse diminuto pedaço de metal, podemos identificar toda a unificação de um território. Um poder imutável de uma parte a outra do Império. Alexandre da Macedônia, Júlio César, Otávio Augusto, Diocleciano, Constantino, entre outros chefes de governos, transmitiam não apenas uma ideologia, mas uma série de propagandas de seus respectivos governos. Toda a simbologia do poder real está presente nos reversos monetários: o cetro, o globo, o diadema, a coroa, a auréola elíptica, divindades, ligações de um poder temporal com o poder espiritual.

* As moedas aqui citadas e apresentadas pertencem ao acervo do Museu Histórico Nacional, localizado no Rio de Janeiro.

Arqueologia e Numismática: *o corpus documental*

Em História chamamos de *corpus documental*, o documento ou fonte, que analisamos para a reconstrução de um período. Graças a confiança e interesse científico do Museu Histórico Nacional, importante instituição pública, referência no meio acadêmico nacional sobre o assunto, fomos apresentados ao seu acervo numismático.

Depois de uma série de interpretações, decidimos por fim trabalharmos com a coleção referente ao Baixo Império Romano ou Antigüidade Tardia (séculos III ao V). Época conturbada do Império, onde são realizadas as mais diversas reformas políticas, administrativas, sociais e religiosas. E essas reformas, com seus simbolismos, estão presentes nas cunhagens do período.

Os símbolos que habitam a numismática estão dotados sempre de uma clara organização hieroglífica, pois procedem do fato de que essas imagens difundidas se articulam sempre com o idioma figurado, no qual o poder se expressa secularmente. Trata-se, segundo de la Flor, do surgimento de representações de águias, leões, como também de torres, cruzes, da fênix (FLOR: 1995, 103), de imperadores ou de personagens pertencentes a uma elite político-econômica, que representam a órbita de ação do poder, chegando ao ponto em que a numismática pode ser definida "como um monumento oficial a serviço do Estado." Lembramos ainda que, como afirma Cassirer, "...em lugar de definir o homem como um animal *rationale*, deveríamos defini-lo como um animal *symbolicum*." (CASSIRER: 1977, 70).

A moeda, como documento, pode informar sobre os mais variados aspectos de uma sociedade. Tanto político e estatal, como jurídico, religioso, mitológico, estético. Sendo, no terreno das idéias políticas e a propaganda onde é mais fecundo o serviço da Numismática à História. Devemos refletir sobre a significação da moeda no mundo antigo, num mundo onde não existiam meios de informação comparáveis aos nossos, onde o analfabetismo se estendia a numerosas camadas da população. A moeda é um objeto palpável, objeto que abre todas as portas e proporciona bem estar. Nela pode-se contemplar a efígie do soberano, enquanto os reversos mostram suas virtudes e a prosperidade da época: F*elicitas Temporum, Restitutio Orbis,Victoria e Pax Augusta...*são slogans, propaganda." (ROLDÁN HERVÁS: 1975, 166).

Samaran também descreve a importância da numismática, tanto econômica e sociológica, quanto estética. Para isto, realiza uma análise dos tipos monetários e da paleografia romana, destacando a originalidade da idéia da *fortuna* (SAMARAN: 1961, 328), representada no reverso de várias peças. O próprio termo *denier, denaro, dinero, dinar, d´argent,* são derivações de *argentus*, moeda de prata cunhada no vasto Império Romano.

Donis Dondis afirma que, para os analfabetos, a linguagem falada, a imagem e o símbolo continuam sendo os principais meios de comunicação. E dentre eles apenas o visual pode ser mantido em qualquer circunstância prática.

> "...isso é tão verdadeiro como tem sido ao longo da história. Na Idade Média e no Renascimento, o artista servia à Igreja como propagandista...O comunicador visual tem servido ao imperador e ao comissário do povo...a comunicação pictórica dirigida aos grupos de baixo índice de alfabetização, se pretende ser eficaz, deve ser simples e realista..." (DONDIS: 1997, 184).

Pascal Arnaud destaca que nas moedas da Antigüidade Clássica, gregas e romanas, o anverso é a parte hierarquicamente mais importante (ARNAUD: S/D, 195), pois nele é encontrado a efígie de quem ordenou sua cunhagem, juntamente com o título, no caso romano, de DIVVS ou AVG. Uma espécie de retrato dos seus chefes, emitido pelo Estado (CARLAN: 2005, 170). Em matéria de tipologia monetária, são consideradas como retratos todas as imagens que pretendem representar seus líderes ou "humanos concretos", na sua qualidade de pessoas individuais, quer assumam aspectos realistas, quer, pelo contrário, correspondam a interpretações idealizadas ou quase simbólicas. Tanto Arnaud como Mário Gomes Marques as definem como verdadeiros retratos, embora possam existir múltiplos desvios da realidade. Mesmo assim, trata-se de algo bem diferente da Idade Média, quando, tirando poucas exceções, não existiam preocupações evidentes de semelhança com as individualidades representadas.

Na política interna as crises continuam surgindo depois de um breve período de incerta solução.

Depois de vinte anos de governo, através do efêmero sistema de tetrarquia de Diocleciano, o império recobra a paz sob o cetro de um único senhor: Constantino. Que, apesar de não retornar à antiga forma de governo de que seu pai fez parte, limitou-se, dois anos antes de sua morte, a partilhar o governo dos territórios imperiais em cinco partes: três , as maiores, seriam entregues a seus três filhos; as duas outras, a três de seus sobrinhos. Ou seja: coube ao filho mais velho, Constantino II, a Bretanha, a Gália e a Espanha; Constâncio II ficou com a rica parte oriental do Império que, desde 333, governava como César em Antióquia; o mais jovem, Constante, ficou com a Itália, a África e a Panônia. Os primos Flávio Júlio, Dalmácio e Anibaliano ficaram, respectivamente, com os Bálcãs e a Ásia Menor. Alguns autores chegaram a afirmar que Constantino teria a intenção de, bem antes de Merovíngios e Carolíngios, levar à aplicação um conceito patrimonial do Estado monárquico. Tal afirmação é discutida por Rémondon que, usando como base o testemunho numismático, afirma que Constantino havia pensado em seu filho mais velho, Constantino II, como herdeiro do império (RÉMONDON: 1973, 72). Acreditamos que ele pretendia legar uma diferente organização política para aquele que o sucederia como coordenador e administrador. A morte não lhe deu tempo para isso. E se realmente, como afirmou Rémondon, a idéia de Constantino era que o seu filho mais velho lhe sucedesse, por que a parte mais rica do império ficaria com o filho do meio, Constâncio? Não podemos esquecer que Constâncio II foi considerado pela posteridade como o mais eficiente administrador dentre os herdeiros do pai.

A "unicidade" do governo imperial, quebrada durante a tetrarquia de Diocleciano, volta a ser estabelecida nos treze anos de reinado de Constantino. A partir de 353, o poder do soberano encarna-se novamente em uma única pessoa, Constâncio e, depois, em Juliano. Mas, após este período, ocorre uma associação de dois imperadores ao trono. O cristão ortodoxo Valentiniano I, antigo general de Juliano, sucedeu a Joviano, que governou menos de um ano e dividiu a parte oriental do império com o irmão, Valente, seguidor do arianismo.

Teoricamente, o império continuava a ser uno, tratava-se de uma associação e de um sistema colegial, não de uma divisão territorial, embora cada Augusto, auxiliado ou não por um César, ou por outro Augusto menos prestigioso, fosse encarregado da administração e da defesa de uma parte. O próprio Diocleciano era considerado como um *Iuono*, filho de Júpiter, enquanto que o outro tetrarca, Maximiano, era um *Herculeo,* ou filho de Hércules. Rémondon deixa bem claro que, em um sistema criado para estabelecer uma igualdade, existe entretanto uma hierarquização interna, pelo qual um governante possui um grau maior de importância que o seu "co-irmão". Pois um novo Augusto só era admitido oficialmente no colégio depois da aprovação de seu ou dos seus colegas.

A divisão administrativa do Império Romano em dois blocos, Ocidente e Oriente, contudo, não garantia a coesão, nem inibia a disputa dentro do seio da própria família imperial. Podemos citar como exemplo as muitas suspeitas existentes entre os filhos e sobrinhos de Constantino, que tornaram o governo inviável. Provavelmente, Constâncio, o homem forte do novo regime, instigou o massacre, em Constantinopla, de toda a facção de seus tios e primos, deixando vivos, mas sob sua custódia, somente os seus jovens primos, os irmãos Galo e Juliano.

Outra inspiração ocorrida durante o século IV é o progresso de uma idéia dinástica. Nesse período ocorreram menos desordens do que nos anteriores. Efetivamente após ter conhecido uma dinastia constantiniana e uma valentiniana, o século V conhece uma dinastia teodosiana. Houve também uma tentativa de ligação entre elas, uma espécie de elo familiar (FUNARI e CARLAN: 2007, 23).

A inovação desse século consistiu em discutir a idéia de uma linha sucessória direta e familiar: Constantino pensou nos seus sobrinhos e Valentiniano I associou-se a seu irmão Valente. A idéia familiar foi suficientemente forte para que, de uma dinastia a outra, se procurasse criar um laço, através do matrimônio. Valentiniano casa o filho, Graciano, então como dezesseis anos, com a neta de Constantino, de treze anos. E Teodósio, por sua vez, desposou a filha de Valentiniano.

Isso não significa que a história dessas dinastias fosse sempre calma. A da família constantiniana, por exemplo, oferece uma série de tragédias palacianas, chacinas, rivalidades fraternas levadas até a guerra civil. Houve revoltas e usurpações, culminando com o

assassinato de imperadores legítimos. Mas, ao contrário dos séculos anteriores, com a exceção de Constantino e Juliano, nenhum desses episódios violentos culminou no triunfo do usurpador. Foi, sem dúvida, uma ajuda muito grande para Juliano, proclamado imperador por seus soldados em Lutécia, que seu primo Constâncio II morresse de peste antes do choque dos dois exércitos, evitando, assim, o desgaste de uma guerra civil.

Também nos parece ser claro o surgimento de um sentimento de lealdade monárquica, apesar de uma série de transtornos. A melhor prova disso é que, apesar de toda a carência militar e política, os filhos de Teodósio I morreram de morte natural.

Lentamente, vai-se instalando nas vastas regiões imperiais um respeito ao imperador como governante supremo. Por este motivo, não podemos considerar completamente ineficazes os esforços das dinastias do Baixo Império para regularizar a transmissão de poder. Uma herança que os reis medievais vão aproveitar muito bem, para legitimar e consolidar seus reinos.

Descrição da Moeda

Como exemplo, citaremos três peças cunhadas no Império Romano e sua descrição iconográfica.

Descrição da Iconografia

DENOMINAÇÃO: AE ½

Ano / Local: cunhada antes de maio de 337 em Alexandria

Anverso: FL IV CONSTANTIVS NOB C

Anverso o busto de Constâncio, aparentemente bem mais jovem que outras representações, onde aparece a titulação de CESAR (Flávio Júlio Constâncio Nobilíssimo César). O Imperador está ostentando uniforme militar, à direita, com diadema. O título nobilíssimo era exclusivo da família imperial.

REVERSO: GLORIA EXERCITVS / SMALA

No reverso dois soldados, com elmo, de uniforme, com suas lanças e um objeto semelhante a uma corda ao lado, guardam dois estandartes ao centro. Exergo referente à Alexandria. Notamos a importância do exército no século IV, descrito na legenda.

Observação: peça de bronze, estado de conservação muito bem conservada(MBC), de diâmetro de 1,2 mm, peso de 2,22 g, alto reverso 12 horas.

DENOMINAÇÃO: SOLIDUS

Ano / local: cunhada entre os anos de 398 – 402, em Milão.

Anverso: DN ARCADIVS PF AVG

Anverso face do imperador voltada à direita, com o diadema, envergando a púrpura (manto imperial).

REVERSO: VICTORIA AVGGG S N / COMOD

No reverso vemos a representação de Arcádio, com o uniforme militar, o lábaro com o cristograma (PX, sinal de Constantino) à esquerda. Na direita (sua mão esquerda), um globo (símbolo do poder real, a perfeição segundo o filósofo Aristóteles), encimado por uma *vitória*, com uma coroa de louros nas mãos, prestes a coroá-lo. O Imperador pisa em um minúsculo inimigo com a perna esquerda. Sempre à figura central, o chefe do governo, é representado maior que às outras imagens presentes. As letras S N completam o campo da peça. No exergo, COMOD, relativo a Milão.

Observações: peça de ouro, estado de conservação Belo (B), de diâmetro de 1,90 mm; peso de 4,42 g; alto reverso ou eixo 12 horas.

DENOMINAÇÃO: TREMISSIS

Ano / local: cunhada no ano de 455, em Milão.

Anverso: D N AVITVS PERP AVG

Tremissis, moeda de ouro, cujo o valor era inferior aos *aureus* e *solidus*. Representa o imperador Avitus, de origem galoromana, que governou entre 455 e 456. Diademado, encouraçado à direita.

Reverso: Não existem legendas. Notamos a união de dois símbolos freqüentes no Império Romano dos séculos IV e V. A cruz cristã, comum desde o período constantiniano e a coroa de louros, homenagem a Júpiter, presentes desde a tetrarquia. Avito foi assassinado por Ricimero, general visigodo, que assumiu o controle sobre o Império. Os visigodos durante o século VI e VII cunharam exemplares semelhantes a esses.

Observações: peça de ouro, bem conservada (BC), de 1,40 mm de diâmetro e 2,2 g de peso. Alto reverso ou eixo 12 horas.

Claudio Umpierre Carlan

Professor da UNIRIO

Doutor em História Cultural / UNICAMP

Pesquisador do Núcleo de Estudos Estratégicos / UNICAMP

Agradecimentos:

A Sociedade Numismática Brasileira, em especial a Claudio Angelini pela confiança e apoio, e também a Pedro Paulo Abreu Funari, Ciro Flamarion Santana Cardoso, Maria Beatriz Borba Florenzano, Vera Tostes, Rejane Vieira, Eliane Rose Nery. A responsabilidade pelas idéias restringe-se ao autor.

Referências bibliográficas:

CARLAN, Claudio Umpierre Carlan. *Arte Monetária Romana: reflejos de uma propaganda*. IN: Atas do I Encontro de História da Arte. Revisão Historiográfica: o Estado em questão. Campinas: IFCH / UNICAMP, 2005.

CASSIRER, E. *Antropologia Filosófica. Ensaio sobre o Homem.* São Paulo: Mestre Jou, 1977.

DONDIS, Donis. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução de Jefferson Luis Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FLOR, Fernando de la. *Emblemas Lecturas de la Imagen Simbólica.* Madrid: Aliança Editorial, 1995.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. *"O Outro Lado da Moeda" na Grécia Antiga.* In: "*O Outro Lado da Moeda".* Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo e CARLAN, Claudio. *Arqueologia Clássica e Numismática*. Textos Didáticos n. 62. Campinas: IFCH / UNICAMP, 2006.

RÉMONDON, Roger. *Las Crisis del Imperio Romano*. De Marco Aurelio a Anastacio. 2a. ed. Barcelona: Editorial Labor, 1973, p. 72.

ROLDÁN HERVÁS, J. M. *Introducción a la Historia Antigua*. Madrid: Ediciones Istmo, 1975.

SAMARAN, Charles. *L´Histoire et ses Methodes*. Paris: Librairie Gallimard, 1961.

Moeda comemorativa dos 200 anos da chegada da família real

O Banco Central do Brasil irá lançar no dia 13 de junho uma moeda comemorativa para celebrar os 200 anos da chegada da família real portuguesa ao Brasil. Produzida em prata, ela terá o valor de face de R$ 5 e será comercializada por cerca de R$ 110.

O lançamento oficial será no dia 13 de junho, no Rio de Janeiro. O projeto foi aprovado pelo Conselho Monetário Nacional e a moeda desenvolvida pela Casa da Moeda.

Uma das faces representa o desembarque da corte portuguesa na atual praça XV, no Rio de Janeiro. Do outro, a moeda homenageia cinco instituições: Justiça Militar, que foi criada como "Conselho Supremo Militar e de Justiça", o Jardim Botânica do Rio de Janeiro ("Jardim da Aclimação"), Imprensa Nacional ("Impressão Régia"), Ministério da Fazenda (Erário Régio) e o Banco do Brasil.

A família real chegou ao Rio de Janeiro no dia 7 de março de 1808, o que causou mudanças na então colônia que passou a ser sede do reino de Portugal. A partida da chegada da corte portuguesa, uma série de instituições foi inaugurada no Brasil e também causou mudanças culturais e urbanísticas.

Serão produzidas 2.000 moedas, podendo chegar a 10 mil. Elas podem ser compradas no Banco Central *(www.bacen.gov.br)*.

Fonte: Folha Online

Brasil e Japão cunham moedas pelo centenário da imigração japonesa

Tanto o governo brasileiro quanto o japonês irão cunhar moedas comemorativas por ocasião do centenário da imigração japonesa no Brasil, que se completará em 18 de junho deste ano —foi na mesma data, em 1908, que aportou, em Santos (SP), o Kasato Maru, primeiro navio que trouxe imigrantes japoneses ao país.

Ela será lançada no próximo dia 18 de junho, com denominação de R$ 2 e tiragem inicial de 2.000 peças, mas tiragem poderá chegar a 10 mil. Ela custará R$ 20 e poderá ser comprada por meio do site do Banco Central ou escritórios espalhados pelo país. Na moeda brasileira haverá imagens do Kasato Maru e de uma camponesa colhendo caquis, em referência à influência japonesa na agricultura brasileira.

No Japão a moeda comemorativa —no valor de 500 ienes (aproximadamente R$ 8) haverá uma representação do monumento aos imigrantes japoneses instalado no Boqueirão, em Santos, e desenhos de ramos entrelaçados de cereja e de café.

O monumento santista retrata uma família de imigrantes com roupas do século passado. Foi inaugurado em 1998, nas comemorações do 90º aniversário da imigração japonesa no Brasil. Feita de bronze, concreto e granito, a estátua tem 4,45 metros de altura e pesa 9.700 kg.

Fonte: Folha Online

Imbróglio faz Japão mudar moeda do centenário

Um imbróglio no Brasil custou ao governo japonês 80 milhões de ienes (aproximadamente R$ 1,3 milhão), nesta semana. De acordo com o Ministério de Finanças do Japão, o montante foi gasto para cunhar moedas comemorativas pelo centenário da imigração japonesa no Brasil que não poderão ser utilizadas por um problema de direitos autorais.

O monumento dos 90 anos da imigração japonesa no Brasil

A moeda possui, em uma face, uma reprodução do monumento que a escultora Cláudia Fernandes fez em 1998, quando a imigração japonesa no Brasil comemorava 90 anos —a obra fica em Santos (litoral de SP), cidade onde os primeiro imigrantes chegaram. Fernandes, no entanto, disse que soube da moeda pela imprensa e que nunca autorizou o uso da imagem de seu monumento na moeda.

Ela diz que abriu negociações com a ACCIJB (Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil) para conseguir ter o nome divulgado ou acrescentado aos jogos de moedas que serão vendidos nos bancos japoneses, depois de tomar conhecimento, mas que as negociações nunca renderam propostas concretas.

Para desatar o nó de uma vez por todas, o Japão informou que desistiu de negociar, alterou o desenho da moeda —adotou uma imagem do primeiro navio de imigrantes japoneses que chegou ao Brasil, o Kasato Maru—, cunhou novos 142 mil jogos e os colocou à venda. Os jogos chegam aos bancos no próximo dia 18 de junho, por 2.400 ienes (aproximadamente R$ 39).

“Os repórteres japoneses que estiveram aqui me telefonaram perguntando ‘por que você não autorizou a moeda?’ E eu falei que não me pediram autorização. Eu quero que o Japão peça autorização, coloque o meu nome lá. Por que só agora que essa história virou meio que um escândalo é que todo mundo sabe quem eu sou? Por que não souberam antes?”, disse a escultora.

Fernandes contratou um advogado que ainda tenta contato com o Japão para pôr as moedas em circulação; diz estar disposta a liberar as moedas e trata o assunto como “um grande erro de comunicação”.

Respostas

O cônsul-geral-adjunto do Japão em São Paulo, Jiro Maruhashi, representante do governo japonês em São Paulo, confirmou que o governo daquele país cunhou as moedas com base nas informações erradas da Federação das Associações das Províncias do Japão no Brasil e, mais tarde, da ACCIJB. Maruhashi classifica o tropeço de “ocorrência infeliz”.

“O Japão não tinha intenção de infringir ou violar direito autoral.”

O presidente do Comitê Executivo da ACCIJB, Osamu Matsuo, afirmou que a associação e a federação achavam deter os direitos para usar a imagem na cunhagem e, por isso, liberaram o projeto. “É uma pena. Nós fizemos tudo com boas intenções. O governo queria comemorar usando o desenho, pensando que estivesse tudo direito.”

Fonte: Folha Online

Gols Pela Vida

Fernanda Disperati Gallas

Determinados a fazer da SNB referencial de excelência na promoção da cultura numismática no Brasil, levamos ao nosso último Encontro Especial de março o projeto GOLS PELA VIDA, do INSTITUTO DE PESQUISA PELÉ PEQUENO PRÍNCIPE.

Em mais uma parceria acertada da SNB, enviamos a todos os associados um folder

explicativo do projeto e um DVD com os gols mais bonitos do maior jogador de todos os tempos, o rei Pelé.

Conhecido mundialmente e reconhecido em todo o mundo como o melhor dos melhores, Pelé é uma lenda viva e orgulho do esporte nacional. O que nem todos

sabiam é que além de tudo isso, Edson Arantes do Nascimento é um cidadão dos mais conscientes e que se engajou em um projeto importantíssimo, capaz de salvar muitas vidas.

GOLS PELA VIDA, lançado em São Paulo em dezembro de 2007, é uma das maneiras para conseguir recursos financeiros para o INSTITUTO PEQUENO PRÍNCIPE e contou com o apoio da CASA DA MOEDA DO BRASIL, responsável pelo design elegante das medalhas e por sua cunhagem. Trata-se de 3.849 medalhas, divididas em três grupos iguais de 1283, o número de gols marcados por Pelé, em ouro, prata e cobre. Todas são numeradas e acompanhadas de certificado assinado pelo rei dos gramados.

Dessa maneira, os gols que encantaram multidões agora vão ajudar a salvar vidas. As medalhas, vendidas no Encontro Especial da SNB de março, podem ser compradas pela internet, ou em um leilão da Christie´s em Dubai, no segundo semestre/2008, se fizer questão dos gols mais importantes, como o de número 1000, marcado de pênalti, em 1969, quando Pelé já se preocupava com as crianças.

É de se lembrar que o termo “Gol de Placa” foi inventado por Joelmir Betting em 1961, após Pelé marcar contra o Fluminense. Escolha o seu gol preferido e adquira uma das medalhas em ouro (R$ 3.000,00), prata (R$ 1.500,00) e bronze (R$700,00). Assim estará

ajudando uma Instituição séria, comprometida com pesquisa, qualidade de atendimento e manutenção da saúde.

A SNB está fazendo a parte dela.

Se quiser saber mais, acesse:

www.golspelavida.org.br ou www.pequenoprincipe.org.br

Medalha do Rei Pelé

O Complexo Pequeno Príncipe, em nome de Edson Arantes do Nascimento – Pelé, em solenidade no Encontro Especial de Março, entregou ao acervo da Sociedade Numismática Brasileira, uma bela caixa com placa comemorativa e certificado, contendo as três medalhas do Gol 782 do Rei Pelé, na classificação de ouro, prata e bronze. A Diretoria agradece tão bela doação.

As Moedas Contam a História do Brasil

O livro ***As Moedas Contam a História do Brasil***, como o próprio título indica, apresenta a numária brasileira associada à História do país, dando ênfase aos aspectos mais relevantes de cada reinado, no período colonial, destacando fatos econômicos, políticos e até mesmo episódios da vida pessoal desses governantes. Da mesma forma, são descritos os fatos históricos do período imperial e republicano.

Escrito por Alfredo O. G. Gallas, diretor de divulgação da SNB, em parceria com sua mulher, Fernanda Disperati Gallas, a qual também participa da diretoria da SNB, o livro tem dois objetivos: divulgar a numismática e apresentar ao grande público a História do Brasil, vista sobre o ângulo das decisões reais e imperiais, além de apresentar todos os tipos de moedas de ouro, prata, cobre e demais metais. Sempre preocupados em valorizar a atuação da SNB junto aos seus associados, o livro está sendo comercializado para os sócios por valor significativamente abaixo do encontrado nas livrarias.

A Aventura do Dinheiro- Uma Crônica da História Milenar da Moeda

O que é o dinheiro? Quando surgiu? Qual é o futuro da moeda no mundo moderno? O jornalista Oscar Pilagallo responde a estas questões no livro ***"A Aventura do Dinheiro- Uma Crônica da História Milenar da Moeda"***, com 168 páginas, da *Publifolha*.

Na obra, o autor analisa a história dos meios de troca a partir da história, arte, filosofia e economia. Dos tempos bíblicos ao século 21, Pilagallo explica a importância do dinheiro nas civilizações e reflete sobre as moedas virtuais globais.

E um exemplo curioso, que diz mais sobre valores sociais da época: na Mesopotâmia, a multa para quem mordesse o nariz de um homem era 1 mina; um tapa no rosto, considerado menos grave, custava 10 siclos. Nesse contexto, repita-se, siclo é medida de peso, não moeda. Mais tarde viria a se tornar denominação de moeda, numa conexão entre os dois sistemas que era e ainda é comum. Para não ir muito longe, a denominação libra esterlina, moeda atual da Grã-Bretanha, deriva de uma medida de peso, a libra, que equivale a cerca de 450 gramas.

Fonte: Folha Online

Alterações na Diretoria da SNB

A Sociedade Numismática Brasileira comunica alterações ocorridas em função da transferência para o exterior, de nosso Diretor Técnico, Cristiano Bierrenbach, para a empresa americana Heritage.

Assume a Diretoria Técnica o Sr. José Serrano Neto, que deixa a Diretoria Administrativa para o Sr. Hilton Aparecido Magri Lúcio ex-Assessor de Divulgação Internacional, cargo que agora passa a ser de responsabilidade do Sr. Cristiano Bierrenbach.

Enfim, toda a Diretoria e com certeza os associados, desejamos ao nosso amigo Cristiano muito sucesso nessa nova empreitada.

Para conhecer um pouco mais a repercussão no mercado, reproduzimos na íntegra a matéria publicada na revista The Celator de março deste ano, comentando as novas funções do Cristiano na conceituada empresa Heritage.

Fonte: Folha Online

Cristiano Bierrenbach Joins Heritage Auction Galleries in Dallas

DALLAS, TX–Well-known Latin American numismatist Cristiano Bierrenbach has joined Heritage Auction Galleries as Director of International Sales, to further Heritage's leadership position in World Coins. "There are outstanding opportunities in the World Coin market today for collectors and investors alike," enthused Bierrenbach. Initially, he will work with Warren Tucker, Director of World Coin Auctions, creating the Ancient and World coin catalogs for Long Beach and New York, as well as marketing Heritage in foreign markets." Warren has 40 years of experience in the World Coin market, and I look forward to learning from him."

Cristiano Bierrenbach

Bierrenbach has been a successful Brazilian numismatic dealer for a decade, and helped to strengthen Brazilian numismatics through his work as Technical Director in the Brazilian Numismatic Society, and as the founder and coordinator of the Latin American Numismatic Convention, the region's largest coin show. Born in Rio de Janeiro, Cristiano has strong ties to the U.S., having attended Bucknell University in Pennsylvania.

"I am quite excited about joining Heritage," concluded Bierrenbach. "One of the many great aspects about working for Heritage is that I can see numismatic rarities first hand every day–the material that we come across every day is simply incredible. A colleague walked into my office today and handed me an 1804 Dollar! I also look forward to attending more coin shows in the U.S., and eventually enlarging Heritage's presence in Asia and Latin America. Heritage is the most recognized numismatic brand in the world today, and I want it to be even more important internationally."

For more information, please email Bierrenbach at crisb@ha.com. Write to Heritage Auction Galleries, 3500 Maple Ave., 17th Floor, Dallas, TX 75219, or phone 800-872-6467. For more information about Heritage's auctions, and a complete record of prices realized, along with full-color, enlargeable photos of each lot, please visit www.HA.com.

Arnaldo Russo

Cláudio Amato

Cláudio Amato, Arnaldo Russo e Irlei S. Neves na S.N.B. durante o lançamento da 10ª.edição do "Livro das Moedas do Brasil" em 2001

Faleceu em São Paulo no dia 8 de abril p.p. o numismata Arnaldo Russo cuja atuação e o trabalho, foram de grande importância para a numismática brasileira.

Figura polemica, que todos conheceram pessoalmente ou através do seu "Livro das Moedas do Brasil" que formou diversas gerações de numismatas no Brasil, coube a mim a tarefa de tentar transmitir neste Boletim, um pouco de sua vida e do seu legado.

Filho de imigrantes italianos, nasceu em São Paulo, no dia 6 de setembro de 1924 no bairro do Cambuci e trabalhou durante muito tempo na industria metalurgia de sua família.

Colecionador de moedas desde 1962, iniciou-se no comércio numismático na Praça da Republica, em São Paulo, tendo montado em 1968, seu primeiro escritório numismático na rua Barão de Paranapiacaba, passando depois para a rua Tabatinguera, até que em 1974 mudou-se para a rua Senador Feijó no. 69 por onde

passaram muitas das moedas e cédulas raras que estão nas melhores coleções do Brasil e do Exterior.

Ficou sócio na SNB em 3 de maio de1962 junto com os três irmãos, na época em que as reuniões eram realizadas no Instituto Histórico e Geográfico na rua Quintino Bocaiúva. Com a mudança da sede para a rua Libero Badaró, na gestão do Sr. José Benedito de Moura, foi Diretor Tesoureiro da S.N.B. por oito anos (de 1968 até 1976).

Participou da campanha para a aquisição da primeira parte da atual sede da SNB na rua 24 de maio, 247 - 2º.andar, em 1979 e no mesmo ano lançou a primeira edição do "Livro das Moedas do Brasil", todo elaborado em São Paulo e composto e montado em Portugal.

Conheci o Russo na praça da Republica em 1979, e nosso relacionamento foi se estreitando até que ele me convidou, em 1986, para que eu o acompanhasse para a convenção anual da "*ANA - American Numismatic Association",* que naquele ano se realizaria na cidade de Pittsburg, num misto de companheiro de viagem e tradutor.

Logo no primeiro dia da Convenção, depois de me apresentar seus muitos amigos presentes, me recomendou que se visse alguma peça brasileira que eu não tivesse condições de comprar, que mostrasse para ele. Saí pelo Centro de Convenções ainda admirado pela grandiosidade do evento, até que em determinada mesa, encontrei três "dobrões", dois "soberbos para flor de cunho" e um absolutamente "flor de cunho". Perguntei ao japonês que estava na mesa que me disse que custavam U$ 4.600 cada um. Como eu não tinha condições de compra-los, levei o Russo para mostrar o meu achado, e daí se iniciou uma intensa negociação entre o "japa" e o Russo, comigo no meio tentando traduzir frases do tipo: "diga a esse f.d.p. que ele está me roubando" e por aí a fora. Depois de uns 20 minutos de negociação em altos brados, foi finalmente fechado o negócio: os três "dobrões" por U$ 9.000. O Russo pediu para o vendedor para aguardar até que ele fosse até a mesa do seu amigo Louis Hudson, onde estava sua mala para apanhar o dinheiro e o Japonês lhe disse que aguardaria, mas que ele levasse as moedas, que foram colocadas a esmo em seu bolso. Depois de uma dúzia de passos pelo corredor, bateu nas costas do Russo, um venezuelano, dizendo que havia presenciado a negociação e que tinha interesse nas peças. O Russo com aquele jeitão que lhe era peculiar, disse que tinha comprado as "duas" moedas por um valor um pouco caro: U$ 4.600 cada uma. O candidato a comprador pediu para ver as peças e o Russo enfiou a mão no bolso e a esmo pegou dois dos "dobrões",

justamente os que não estavam “flor de cunho”. O homem olhou as peças que estavam realmente muito bonitas e ali mesmo no corredor fez uma proposta de U$ 10.000 pelas duas peças, o que foi aceito imediatamente pelo Russo. Assim voltamos à mesa do vendedor com o dinheiro, muito antes do que pensávamos, pagamos o japonês e o Russo ficou com um lucro de U$ 1.000, mais o dobrão “flor de cunho” que seria vendido naquele mesmo dia por uma pequena fortuna. Em tempo, a data do dobrão FC era **1724** !!!

Mas o que fica registrado em todos esses anos de convívio, foi o respeito que esse homem de modos rudes, mas de coração abençoado, tinha mesmo dos seus mais implacáveis inimigos, pois ninguém poderia, em sã consciência, deixar de considera-lo uma das figuras mais importantes e carismáticas da história da numismática brasileira.